



ACADEMIA MILITAR

A CONVERSÃO DO GRUPO DE ESQUADRÕES EM GRUPO DE CICLISTAS, NA FRENTE OCIDENTAL DA GRANDE GUERRA

Autor: Aspirante de Cavalaria Miguel Silva Bruschy Martins

**Orientador: Tenente-Coronel de Artilharia Pedro Alexandre Marcelino Marquês
De Sousa**

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, julho de 2014



ACADEMIA MILITAR

A CONVERSÃO DO GRUPO DE ESQUADRÕES EM GRUPO DE CICLISTAS, NA FRENTE OCIDENTAL DA GRANDE GUERRA

Autor: Aspirante de Cavalaria Miguel Silva Bruschy Martins

**Orientador: Tenente-Coronel de Artilharia Pedro Alexandre Marcelino Marquês
De Sousa**

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, julho de 2014

Dedicatória

Ao meu camarada e amigo
por me ajudar a ultrapassar
qualquer obstáculo.

Agradecimentos

Finalizando este Trabalho de Investigação Aplicada, é chegado o momento de agradecer a todos aqueles que contribuíram para a conclusão deste percurso académico.

Em primeiro lugar agradeço ao meu Orientador Tenente-Coronel de Artilharia Pedro Alexandre Marcelino Marquês de Sousa por todo o empenho, disponibilidade e dedicação que permanentemente ofereceu para a realização deste estudo. O presente trabalho só foi possível através do seu conhecimento metodológico e da frontalidade imposta.

Ao meu Diretor de curso Tenente-Coronel de Cavalaria José Miguel Moreira Freire pela sua disponibilidade, exigência e prontidão com que me auxiliou nas dúvidas que foram aparecendo.

Ao Coronel de Cavalaria João Amaral Brites, ex-Diretor de Curso, pela frontalidade e profissionalismo demonstrado em todos os momentos do exercício das suas funções.

Aos militares e funcionários do Arquivo Histórico Militar, da biblioteca da Academia Militar Sede e do Destacamento da Amadora, pela sua pronta disponibilidade para me auxiliarem na pesquisa de fontes bibliográficas e documentos úteis para a concretização deste trabalho.

A todos os camaradas, militares e amigos, que me apoiaram em todas as minhas decisões durante a elaboração deste trabalho.

Agradeço aos meus país e à minha família, por tudo o que fizeram por mim e pela minha educação, a vós serei eternamente grato

Por fim expresso a minha gratidão a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste Trabalho.

A Todos Vós o meu Muito Obrigado!

Resumo

O presente trabalho pretende estudar e dar a conhecer o processo da conversão do Grupo de Esquadrões em Grupo de Ciclistas na frente Ocidental da Grande Guerra. Tendo como principal objetivo analisar as principais alterações orgânicas e o emprego tático das unidades de ciclistas.

Os objetos de estudo deste trabalho são o processo de conversão do Grupo de Esquadrões em Grupo de Ciclistas e, a organização e emprego tático das unidades de ciclistas.

Ao longo do trabalho iremos utilizar uma metodologia com referência a um método de investigação histórico, baseado numa abordagem diacrónica, analisando o processo de conversão da unidade de Cavalaria numa unidade de Ciclistas, a organização e o emprego tático das subunidades de ciclistas do Corpo Expedicionário Português, conjugada com a investigação numa lógica sincrónica, identificando as variáveis atuantes, através da análise de conteúdo de fontes primárias manuscritas e impressas e outras fontes textuais e iconográficas, complementada com uma investigação comparativa, considerando a necessidade de enquadrar esta inovação da atividade militar no âmbito da organização militar portuguesa.

Com a quebra do movimento, motivada pelo aumento de poder de fogo no campo de batalha, e com a formação de extensas linhas de trincheiras, o cenário de guerra apresentado pela Grande Guerra não permitia o emprego de unidades de cavalaria na frente da guerra. Desta forma, quando chega à Frente Ocidental o Grupo de Esquadrões do Corpo Expedicionário Português, encontra o seu emprego tático na retaguarda das trincheiras, desempenhando serviços de ligação e de polícia.

Contudo, os cavalos careciam de custos e cuidados relativamente à manutenção e alimentação, e eram importantes para a agricultura. Porém os serviços de polícia e ligação podiam ser executados a cavalo ou de bicicleta, e como as bicicletas não carecem dos mesmos problemas que os cavalos levantaram, o Grupo de Esquadrões converte-se em Grupo de Ciclistas.

Com a conversão surgem alterações ao nível da estrutura, do pessoal e do equipamento. Sendo que ao nível do pessoal vai se organizar com militares de infantaria e de cavalaria, num efetivo mais reduzido que o do Grupo de Esquadrões. Relativamente à estrutura ao nível do Grupo de Ciclistas passa a ter uma secção de sinaleiros, e dentro das suas companhias ficam com menos um pelotão mas com mais uma secção de metralhadoras. Ao nível do equipamento além do que estava à carga do Grupo de Esquadrões, recebeu ainda bicicletas e metralhadoras Lewis.

Enquanto unidade de ciclistas o Grupo de Ciclistas desempenhou missões de serviço de polícia e de ligação. Sendo que para cada um dos serviços se organizava de forma diferente.

Palavras-Chave: Grande Guerra, Grupo de Esquadrões e Grupo de Ciclistas

Abstract

The present work aims to study and get to know the process of converting the Group of Squads into Group of Cyclists in Western Front of the Great War. The main objective is to analyze the conversion process and the tactical employment of cyclists units.

The objects of study of this work is the process of converting the Group Squads into Group of Cyclists and the organization and tactical employment of cyclists units.

Throughout the work we use a methodology used to reference a method of historical research, based on a diachronic approach, analyzing the process of converting a unit of cavalry unit cyclists, organization and tactical employment of cyclists subunits of the Portuguese Expeditionary Corps coupled with research in synchronous logic, identifying the active variables by analyzing the content of manuscript and printed primary sources and other textual and iconographic sources. complemented with a comparative research, considering the necessity of-frame this innovation of military activity under the Portuguese military organization.

With the breakdown of the movement, motivated by the increased firepower on the battlefield, and the formation of long lines of trenches, the war scenario at the Great War did not allow the use of cavalry units in front of the war. Thus, when it comes to the Group of Squadrons of the Portuguese Expeditionary Force finds its tactical use in the rear of the trenches, performing liaison and police services.

However, the horses lacked care costs and levels of service and food, and are important for agriculture. But the police and connection could be performed on horseback or by bike, and how the bikes do not require the same problems as the horse got up, the Group of Squadrons becomes Cyclist Corps.

With the conversion changes in structure, personnel and equipment arise. Since the staff level will be organized with military infantry and cavalry, a smaller than the GEsq effective. Regarding the structure of Cyclist Corps level shall be a section of signalers, and within their companies are under a platoon but more a section of machine guns. At the equipment level beyond what was the load Group of Squadrons, also received bicycles and Lewis guns.

While unit cyclists Cyclist Corps played for police service and liaison missions. And for each of the services is organized differently.

Key words: Great War, Group of Squadrons and Cyclist Corps.

Índice Geral

Dedicatória	i
Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract	v
Índice de Figuras	ix
Índice de Tabelas	x
Lista de Anexos	xi
Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos	xii
Capítulo 1: Introdução	1
1.1. Enquadramento	1
1.2. Justificação do Tema e Metodologia	1
1.3. Delimitação do Tema.....	2
1.4. Pergunta Central e Perguntas Derivadas.....	3
1.5. Estrutura do Trabalho e Síntese dos Capítulos	3
Capítulo 2: Antecedentes: a conversão do Grupo de Esquadrões em Grupo de Ciclistas	5
2.1. Introdução	5
2.2. Do movimento à quebra do movimento	5
2.3. Enquadramento histórico sobre as unidades de Ciclistas	7
2.4. O Corpo Expedicionário Português na Grande Guerra	11

Capítulo 3: Organização do Grupo de Ciclistas do Corpo Expedicionário Português	21
3.1. Introdução	21
3.2. Orgânica do Grupo de Ciclistas do Corpo Expedicionário Português.....	21
3.3. O material do Grupo de Ciclistas do Corpo Expedicionário Português	29
3.4. Conclusões	32
Capítulo 4: Emprego Tático das Unidades de Ciclistas	34
4.1. Introdução	34
4.2. Emprego tático das unidades de Ciclistas	34
4.3. O emprego tático do Grupo de Ciclistas	36
4.4. Conclusões	39
Conclusões e Recomendações	41
Introdução	41
Respostas às perguntas derivadas	41
Resposta à Pergunta de Partida	45
Limitações da Investigação.....	46
Propostas para investigações futuras	46
Fontes e Bibliografia	47
Anexos	1

Índice de Figuras

Figura Nº 1 – Organigrama do GEsq.....	22
Figura Nº 2 – Efetivo mensal da 1ª Companhia de Ciclistas.....	25
Figura Nº 3 – Efetivo mensal da 2ª Companhia de Ciclistas.....	25
Figura Nº 4 – Organigrama do GCC	28

Índice de Tabelas

Tabela Nº 1 – Relação de Embarque	15
Tabela Nº 2 – Organização do Destacamento de metralhadoras	24
Tabela Nº 3 – Relação de material do GEsq	30

Lista de Anexos

Anexo A.....	2
Anexo B.....	3

Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos

C

CEP - **Corpo Expedicionário Português**

G

GCC - **Grupo de Companhias de Ciclistas**

GESq - **Grupo de Esquadrões**

M

mm - **Milímetros**

T

TIA - **Trabalho de Investigação Aplicada**

Capítulo 1

Introdução

1.1. Enquadramento

O processo de conversão do Grupo de Esquadrões (GESq) de cavalaria do Corpo Expedicionário Português (CEP) em unidade de ciclistas, designada por Grupo de Companhias de Ciclistas (GCC), a sua organização e emprego tático, constituem o objeto de estudo deste trabalho. Seguindo a inovação do emprego da bicicleta na atividade militar, protagonizada por britânicos e alemães, o exército português também criou no final do século XIX, uma unidade designada por Esquadra de Velocipedistas que poderá ser a origem das unidades de ciclistas militares em Portugal. Na primeira Grande Guerra, perante a dificuldade de organização e de emprego tático da unidade de Cavalaria, o comando militar inglês propôs a conversão do GESq numa unidade de ciclistas, criando-se assim o GCC do CEP.

1.2. Justificação do Tema e Metodologia

O processo de conversão da unidade de cavalaria do CEP numa unidade de ciclistas, o novo modelo orgânico e do emprego operacional do GCC, não foi ainda estudado com o desenvolvimento que o assunto merece, pelo que julgamos interessante e útil criar conhecimento novo sobre esta temática. A metodologia seguida tem como referência o método de investigação histórica baseado numa abordagem diacrónica, analisando o processo de conversão da unidade de cavalaria (GESq) numa unidade de Ciclistas (GCC), a organização e o emprego tático das subunidades de ciclistas do CEP, conjugada com a investigação numa lógica sincrónica, identificando as variáveis atuantes, através da análise de conteúdo de fontes primárias manuscritas e impressas e outras fontes textuais e iconográficas; complementada com uma investigação comparativa, considerando a necessidade de enquadrar esta inovação da atividade

militar no âmbito da organização militar portuguesa. Neste sentido, propõe-se um modelo teórico de análise assente nas relações conceptuais entre os seguintes parâmetros, considerados necessários para a análise do objeto de estudo e para compreender a organização e o emprego tático das unidades de ciclistas do CEP:

- Organização do GCC;
- Organização para o combate das Companhias e Pelotões de Ciclistas;
- As missões desempenhadas pelas subunidades de Ciclistas.

Este modelo teórico de análise é baseado nas relações conceptuais entre os seguintes referenciais: Orgânica, Organização para o Combate e Missões desempenhadas, cujas relações biunívocas em torno do mesmo objeto permitem criar um modelo teórico de análise, que possibilite a elaboração de um modelo explicativo conceptual, sobre a atividade do GCC do CEP. Temos a preocupação de considerar as primeiras referências doutrinárias conhecidas em Portugal sobre o emprego de ciclistas militares, antes da Grande Guerra e de considerar o processo de conversão da unidade de cavalaria (GESq) numa unidade de ciclistas.

1.3. Delimitação do Tema

O nosso estudo incide, essencialmente, sobre o período compreendido entre a saída do GESq, a 17 de Janeiro em 1917 e consequente transformação em GCC, até ao regresso a Portugal a Maio de 1919. Vamos começar por abordar o período que antecede a Grande Guerra, focando-nos no processo que levou à extinção das unidades a cavalo para unidades de ciclistas, depois vamos abordar a organização do GCC, quer em pessoal quer em equipamento, e por fim vamos analisar as missões que a unidade desempenhou na Grande Guerra.

1.4. Pergunta Central e Perguntas Derivadas

O presente Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) pretende responder à seguinte pergunta central: **Como se processou a organização do GCC do CEP e qual era a sua orgânica e a tipologia das missões que realizou entre Novembro de 1917 e o final da guerra em Novembro de 1918?**

Por forma a concretizar o estudo desta temática obtivemos outras perguntas pertinentes que derivam da pergunta central, nomeadamente:

Pergunta derivada 1: Que condições determinaram a conversão do GEsq em GCC?

Pergunta derivada 2: Como ficou organizado o GCC ao nível da sua estrutura orgânica, pessoal e equipamento?

Pergunta derivada 3: Quais as missões atribuídas às unidades de ciclistas no seio do CEP?

Pergunta derivada 4: Com base nas operações realizadas e da experiência vivida pelas subunidades de ciclistas, quais foram as formas de organização para o combate e as tarefas mais frequentes das companhias e pelotões de ciclistas

1.5. Estrutura do Trabalho e Síntese dos Capítulos

O presente trabalho é composto por cinco capítulos. O primeiro e presente capítulo é a introdução, no qual pretendemos fazer uma contextualização da investigação, apresentação dos nossos objetivos, pergunta central e perguntas derivadas, as hipóteses, a metodologia e a estrutura.

No segundo capítulo “Antecedentes: A conversão do GEsq em GCC” fazemos uma apresentação daquilo que era o campo de batalha antes da Grande Guerra, um enquadramento das unidades ciclistas, uma apresentação sumária do CEP, a análise da conversão do GEsq e, por fim, a conclusão de todo o capítulo, tendo um maior foco para a conversão do GEsq em GCC.

No terceiro capítulo “A organização do GCC do CEP”, será analisada a forma pela qual o mesmo se organizou ao nível da sua estrutura, bem como o seu método de organização ao nível de equipamentos deste, para por fim poder apresentar conclusões,

verificando, primeiro, a organização do GEsq para identificarmos as diferenças entre as duas unidades.

No quarto capítulo “O emprego tático das unidades de Ciclistas” pretendemos verificar o emprego tático das unidades de ciclistas antes da Grande Guerra e durante a mesma, o emprego tático do GCC do CEP, e por fim umas conclusões, onde nos iremos focar nas missões atribuídas às unidades de ciclistas do CEP e na sua organização para realizar essas missões.

Por fim vamos apresentar as conclusões e recomendações deste trabalho, que representam o culminar de todas as partes anteriormente referidas, surgindo as respostas à pergunta central e às perguntas derivadas.

Capítulo 2

Antecedentes: a conversão do Grupo de Esquadrões em Grupo de Ciclistas

2.1. Introdução

Neste capítulo vamos abordar toda a temática relacionada com a conversão do GESq em GCC, tendo como principal foco o período que compreende a saída do GESq para a Flandres, e a sua conversão em GCC. Primeiramente iremos realizar uma caracterização do tipo de guerra que decorria na Grande Guerra, de seguida apresentaremos um enquadramento das unidades de ciclistas, por forma a darmos a conhecer estas unidades, seguidamente faremos uma pequena apresentação do que era o CEP, para depois analisarmos a conversão do GESq em Ciclistas.

2.2. Do movimento à quebra do movimento

No período que antecede a Grande Guerra as guerras faziam-se com movimentos de grandes exércitos, tal como os movimentos esboçados no Plano Schlieffen, e o campo de batalha podia ser descrito, segundo Sá Chaves, como uma peça de teatro, com a batalha dividida num prólogo e cinco atos. O prólogo pertencia só à cavalaria, no qual esta procura os figurantes contrários nos bastidores, para lhe estudar as vestes, caracterização e adereços. O ato I, era a entrada em cena das personagens da peça; passavam a zona da manobra, aos 3.000 metros, e preparava-se o combate. O ato II, era exclusivo da artilharia, decorria dentro da zona de ação do canhão, entre os 3.000 e os 1.500 metros e terminava quando a artilharia de uma das partes triunfava sobre a do inimigo e se preparava a entrada da infantaria. O ato III era a entrada da infantaria, na zona da espingarda, entre os 1.500 e 700 metros; era uma luta de aproximação, que terminava quando se adquiria a superioridade inteira do fogo. O ato IV, era a decisão, a zona da marcha da morte, entre os 700 e 0 metros, onde o inimigo era esmagado por

uma chuva de munições e estarecido moralmente pela ação destruidora das espadas e baionetas que cresciam sobre ele. O ato V, e último ato, era onde se tirava aproveitamento da vitória e se inicia a perseguição ao inimigo (Chaves, 1903, pp. 676-677).

Contudo, e como consequência dos movimentos estratégicos, em 1914 após a falha na concretização do plano Schlieffen, iniciou-se um alongamento dos dispositivos que foi uma consequência das tentativas de envolvimentos dos exércitos. Este alongamento ficou conhecido como a “corrida ao mar”, que inicialmente foi marcado por uma linha de trincheiras desde o Canal da Mancha até à fronteira Suíça com uma distância de cerca 765 quilómetros, quebrando o movimento e dando início à guerra de trincheiras (Martelo, 2010, pp. 112 - 116).

Esta transição foi marca de inovações que se deram neste período, tais como: armas de recarga, armas de repetição, metralhadoras, e sistemas de ligação elástica e de recuo das peças de artilharia, aumentando o seu alcance e passando esta a ser empregue como arma de tiro indireto. Tudo isto levou a um aumento brutal do poder de fogo e precisão das armas no campo de batalha quebrando o movimento e o poder de choque, tornando assim muito difícil às unidades de cavalaria serem empregues nas suas missões tradicionais, que segundo Sá Chaves (1903, pp. 676-677), eram três: exploração estratégica, onde realizava patrulhas de forma a bater a cavalaria inimiga e a reconhecer o dispositivo inimigo; exploração, onde reforçava o reconhecimento da anterior; e guarda da força que no decorrer do combate desembaraçava a frente e protegia os flancos da força.

A cavalaria perdeu grande parte da sua utilidade, pois o binómio cavalo-cavaleiro era vulnerável na terra-de-ninguém (Martelo, 2010, p. 117). Não podendo ser utilizada como força de exploração na terra-de-ninguém, nem como força de guarda de flanco, pois não existiam flancos na Grande Guerra, a cavalaria encontra o seu emprego na retaguarda como força de ligação ou como força de polícia e em algumas situações os cavaleiros têm de largar os cavalos e combater junto das unidades de infantaria ou de artilharia.

No caso de Portugal, a unidade de cavalaria do CEP, o GEsq, foi convertida num GCC. De seguida abordar-se-á o porquê desta conversão.

2.3. Enquadramento histórico sobre as unidades de Ciclistas

As primeiras ideias de criação de unidades de ciclistas surgem principalmente na Europa nos finais do século XIX. Estas eram unidades de infantaria montada, que utilizavam as bicicletas não como um meio de combate, mas como um meio de transporte. As bicicletas permitiam à infantaria um deslocamento mais rápido dentro do campo de batalha e ainda davam uma maior capacidade para carregar material. Para missões como as de mensageiros e de exploração do terreno numa guerra de trincheiras, as bicicletas podiam ser empregues por forma a substituírem as unidades a cavalo, contudo os ciclistas necessitavam de ter uma boa rede de itinerários para que as bicicletas pudessem ser utilizadas. Além desta condição, podemos apontar uma outra relativamente ao tipo de combate, em que os ciclistas combatiam só apeados e as unidades de cavalaria combatiam quer apeadas quer montadas. Contudo, as unidades de cavalaria conseguiam ser mais rápidas no campo de batalha e utilizar o choque no combate, ao contrário dos ciclistas, cuja mobilidade dependia dos itinerários, mas que conseguiam mais rapidamente apeiar e fazer fogo (Phillips, 2011, p. 23).

O problema que surgiu neste período foi que as unidades de cavalaria não conseguiram fazer frente ao poder de fogo das armas da infantaria, não conseguindo executar missões de reconhecimento ou de guarda de flanco por causa do alcance das armas. Para garantir esse poder de fogo era necessário uma força de infantaria. No entanto era difícil para a infantaria acompanhar as unidades de cavalaria, e se o movimento era, e é, algo de importante para as unidades de reconhecimento, as unidades de infantaria seriam como que uma restrição ao movimento do reconhecimento.

Os primeiros passos para a criação de unidades de ciclistas surgem no sentido da criação de unidades de infantaria montadas durante a Guerra Franco-Prussiana, com a necessidade de juntar unidades de infantaria às unidades de cavalaria para garantirem o poder de fogo durante missões de exploração. Contudo, verificou-se que esta junção trouxe limitações às unidades de cavalaria ao nível da mobilidade e da velocidade de deslocamento. Numa tentativa de colmatar essas limitações, em vez de unidades de infantaria, os Prussianos juntaram às suas divisões de cavalaria, infantaria ligeira, para mais facilmente acompanharem a cavalaria (Phillips, 2011, p. 23).

É difícil precisar em que ano foram criadas as unidades de ciclistas. No entanto sabemos que as bicicletas foram criadas no início do século XIX, mas que só em finais desse século é que foram utilizadas para fins militares, pois só na década de 90 do século XIX surgiram os pneus em substituição das rodas metálicas, permitindo que as bicicletas pudessem ser utilizadas em terrenos mais acidentados. Assim sendo, foi neste período que começaram a surgir as primeiras unidades de ciclistas, primeiro durante a Guerra do Boers no exército Inglês e mais tarde em exércitos de países como a Alemanha, França, Áustria e Itália.

O General alemão Friedrich von Bernhardt, apoiando-se na experiência Britânica da Guerra de Boers defende que o segredo das unidades de cavalaria alemãs era passar a ter infantaria ciclista, uma artilharia eficaz e melhorar os seus cavaleiros como atiradores. Com tudo isto as unidades de cavalaria tornavam-se independentes no campo de batalha sendo capazes de fazer frente ao poder de fogo da infantaria (Dorondo, 2012, pp. 32-33).

Assim sendo, as unidades de ciclistas eram unidades de infantaria montada, que tinham como finalidade apoiar as unidades de cavalaria no campo de batalha, por forma a torná-las independentes. A necessidade do apoio destas unidades deriva das inovações das revoluções industriais, inovações essas a nível de armamento que trazem maiores alcances às armas, maior precisão e armas de retrocarga e de repetição. Estas inovações levaram a um aumento brutal do poder de fogo no campo de batalha, que por consequência fez decrescer a mobilidade no campo de batalha, pois era mais seguro ficar abrigado e fazer fogo do que procurar o contato com o inimigo. As primeiras lições apreendidas são durante a Guerra Franco-Prussiana, onde o poder de choque das unidades de cavalaria deixou de surtir efeito contra o fogo das armas das unidades de infantaria, e em que rapidamente os Prussianos começaram a reforçar as unidades de cavalaria com infantaria ligeira. Ora, esta infantaria, mesmo sendo ligeira, tinha dificuldades em acompanhar os movimentos das forças de cavalaria, prejudicando a sua mobilidade.

Foi durante a Guerra do Boers que se empregaram as bicicletas em combate pela primeira vez, pois só nessa época surgiu o pneu, permitindo o uso da bicicleta em terreno mais variado. É com a experiência dos Britânicos na Guerra do Boers, que muitos exércitos começam a colocar ciclistas nas unidades de cavalaria. As bicicletas permitiam aos infantas carregar o seu material, acompanhar melhor o movimento das unidades de cavalaria no terreno e apeiar e montar mais rapidamente, ou seja, era

infantaria montada que atuava junto das unidades de cavalaria, dando-lhe assim, o poder de fogo necessário, juntamente com a artilharia, por forma a garantir a sua independência no campo de batalha.

O melhor exemplo que temos relativamente a estas forças teve lugar logo no início da Grande Guerra, durante a resistência Belga, em que as unidades de cavalaria alemã executavam uma ação de cobertura, dificultando as unidades de cavalaria francesa, e em que as unidades de ciclistas alemãs, juntamente com unidades de caçadores, criavam uma cortina de segurança. Qualquer tentativa para utilizar o sabre contra as unidades alemãs era repelida facilmente pelo poder de fogo criado pelas unidades de ciclistas e caçadores alemães (Martelo, 2010a, p. 69) .

Na França, Gérard, foi o primeiro a pensar no emprego das bicicletas. Em 1895, quando já era capitão, constituiu um pelotão de 25 militares para manobrem num exercício. Na execução desse exercício obteve desde logo a atenção do ministro, que em consequência dá ordem para se começar a experimentar as bicicletas na escola de Joinville. Todas estas experiências deram bons resultados e é criada a primeira companhia, que contava com 60 ciclistas. No entanto, com as boas prestações que esta unidade teve, os efetivos foram aumentando. Em 1903 estas unidades já eram de escalão batalhão e estava provado que as mesmas eram de grande utilidade nas operações estratégicas, designadamente no apoio às unidades de cavalaria. Assim, no caso francês, as companhias de ciclistas eram constituídas por 2 pelotões e eram compostas por: 1 comandante, posto capitão, 3 subalternos e 196 praças e sargentos. Tinham ainda um trem de combate a 3 viaturas, 2 carros de bagagens por cada pelotão e 1 viatura de companhia, viaturas que seguiam atrás dos trens da cavalaria (Machado, 1907, pp. 203 – 204).

Quanto às unidades de ciclistas na Alemanha não há muito que possamos adiantar. Sabemos que os seus primeiros ensaios foram em 1896, época em que o terreno se tornou uma limitação aos ciclistas pelas condições meteorológicas que se faziam sentir durante os exercícios. O êxito destas unidades, neste país, inicia-se em 1897, ano em que os ciclistas foram empregues na transmissão de ordens e informações. Ao contrário dos franceses, os alemães não empregavam até 1905 ciclistas como unidade de apoio à cavalaria. De facto, o apoio a estas unidades era feito pelo emprego de destacamentos de metralhadoras. Contudo, sabemos que em 1914 quando se dá o estalar da Grande Guerra, os alemães empregaram unidades de ciclistas em apoio à cavalaria (Machado, 1907, pp. 204 – 205).

O caso austríaco sofreu influências das ideias que surgiram na Alemanha. As experiências com unidades de ciclistas não deram bons resultados, por causa da natureza do terreno em que as mesmas operavam. Desde então, os ciclistas não foram empregues como unidade de apoio à cavalaria, ficando com essa missão os destacamentos de metralhadoras (Machado, 1907, p. 205).

Quanto aos ingleses, como já referimos anteriormente, foram os primeiros a experimentar unidades ciclistas, durante a Guerra de Boers, no entanto ainda com algumas dificuldades por causa do número de linhas de comunicação. Em 1891 foram realizadas novas experiências, mas desta vez em solo inglês. Estas experiências deram-se num exercício que tinha como finalidade impedir uma invasão francesa à capital inglesa. Para tal exercício constituíram-se duas forças de ciclistas, cada uma com 500 voluntários. O exercício não surtiu o efeito desejado, pelo que os ingleses decidiram não criar unidades de ciclistas tão numerosas, ficando assim nos batalhões de voluntários efetivos não inferiores a secção, mas também não superiores a companhia (Machado, 1907, p. 205).

No caso italiano, os ciclistas foram primeiramente empregues como unidade de transmissão rápida de correspondência. Todavia, em 1897 foram empregues ciclistas, com um efetivo de pelotão, como unidade de apoio à cavalaria. Os relatórios elaborados relativamente aos ciclistas como unidade de apoio da cavalaria concluíram que era necessário aumentar o efetivo para depois se poder verificar a sua adequação a tais funções. Desta forma, em 1898 foi criada uma companhia de ciclistas com 100 militares, que foi empregue como força de apoio à cavalaria, com grande sucesso nos exercícios realizados em 1899 e 1900. Fruto desse bom sucesso o ministro ordenou a criação de uma companhia de ciclistas em cada um dos 12 regimentos de caçadores, com a seguinte constituição: 4 oficiais e 60 sargentos e praças, divididos em 2 pelotões, em tempo de paz; 7 oficiais e 120 sargentos e praças, divididos em 2 pelotões, em tempo de guerra (Machado, 1907, pp.205 – 206).

No caso português sabemos que em 1898 se encontrava em Mafra uma esquadra de velocipedistas. No ano de 1907 existia um pelotão de ciclistas em cada um dos seis batalhões de caçadores, cujo material se encontrava reduzido (Machado, 1907, pp.206). A primeira utilização de ciclistas portugueses em combate foi na Grande Guerra, situação que vamos abordar nos pontos e capítulos que se seguem.

2.4. O Corpo Expedicionário Português na Grande Guerra

No início da Grande Guerra, Portugal tomou uma atitude de neutralidade hostil, mantendo-se do lado da sua velha aliada Inglaterra quando esta declarou guerra à Alemanha, por invadir a Bélgica e violar a sua neutralidade, em 4 de Agosto de 1914. Motivos não faltavam aos portugueses, pois dada a dimensão que este conflito estava a tomar, o mais provável era serem arrastados para ele por causa da defesa e porventura alargamento das suas colónias em África (Carvalho, 1924, p.3).

Houve necessidade de intervir em África a 24 de Agosto de 1914, após o ataque alemão aos postos militares de Maziúa (Pinheiro, 1991, p. 3), sendo enviadas para Angola e Moçambique expedições em defesa desses territórios. Contudo, nenhuns dos atritos criados quer na fronteira do Cuangar, em Angola, quer em Maziúa, em Moçambique, foram aproveitados para declarar guerra à Alemanha e atacar e invadir as suas colónias (Carvalho, 1924, pp.3-4).

Portugal entrou na Grande Guerra quando a Alemanha lhe declarou guerra, em 9 de Março de 1916, após Portugal ter tomado posse de 74 navios germânicos ancorados no seu território, em 23 de Fevereiro desse ano, a pedido da Inglaterra. Enfermava política e financeiramente (Ascensão, 1928, p. 13), mas como jovem república e fiel aliada da Inglaterra que era, ativou os preparativos para a entrada no conflito Europeu, com o início da mobilização da Divisão de Instrução para Tancos, sob o comando do então comandante da força expedicionária do General Tamagnini de Abreu (Carvalho, 1924, p.5).

A reforma do exército levada a cabo em Maio de 1911 apenas começou a gerar efeitos operacionais nos meses subsequentes à mesma, sendo que só em Setembro de 1914 é que iniciaram algumas das alterações previstas em lei. Isto significa que quando o conflito estalou na Europa, em Agosto de 1914, os quadros e os efetivos gerais do exército ainda só tinham tido três curtos períodos de duas semanas de treino complementar. Foi, por conseguinte, com a organização de três anos antes que o Exército se confrontou com as primeiras necessidades de mobilização (Fraga, 2010, p.27).

A finalidade desta reorganização era tornar os soldados “cidadãos conscientes” através da instrução, afinar a sua educação, inculcar-lhes sentimento de dever e amor à pátria, fortalecer o orgulho pela profissão e ensiná-los a saber obedecer (Martins, 1945, p.503). Contudo esta reorganização ficou longe de ser cumprida (Pires, 2014, p.2).

Ao todo existiam 8 Regimentos de Artilharia, 11 de Cavalaria, 35 de Infantaria, 8 Grupos de Metralhadoras e 2 Baterias de Metralhadoras Independentes – uma no Funchal outra em Angra do Heroísmo. Com base nesta estrutura, Portugal seria capaz de mobilizar 8 Divisões territoriais com a seguinte orgânica:

- 1 Quartel-General;
- 4 Regimentos de Infantaria a 3 Batalhões;
- 1 Grupo de baterias de metralhadoras;
- 1 Regimento de artilharia montada a 2 ou 3 Grupos de baterias;
- 1 Regimento de cavalaria a 3 esquadrões.

Além das 8 Divisões territoriais, haviam outras unidades ativas a guarnecer pela mobilização:

- 1 Brigada de cavalaria, a 3 Regimentos de 4 Esquadrões mais 1 Bateria de metralhadoras;
- 8 Companhias de sapadores-mineiros;
- 8 Secções Divisionárias de pontes;
- 8 Secções de projetores;
- 10 Secções de telegrafistas de campanha;
- 1 parque de pontes;
- 1 Companhia de telegrafia sem fios;
- 1 Companhia de aerosteiros;
- 1 Grupo de 2 Companhias de caminhos-de-ferro;
- 1 Companhia de telegrafistas de praça;
- 2 Regimentos de artilharia de montanha, a 3 Grupos de 2 Baterias;
- 1 Grupo de 2 Baterias a cavalo;
- 2 Grupos de 3 Baterias de Obuses;
- 3 Baterias de montanha independentes;
- 1 Regimento de infantaria a 3 Batalhões;
- 2 Regimentos a infantaria a 2 Batalhões;
- 3 Baterias de metralhadoras independentes;
- 8 Companhias de Saúde;
- 8 Companhias de Subsistências;
- 8 Companhias de equipagens;
- Tropas de Engenharia e Artilharia do Campo Entrincheirado de Lisboa.

Os quadros permanentes do Exército tinham a missão de assegurar o regular funcionamento das unidades e serviços e, tal como era costume, os efetivos previstos nestes quadros não coincidiam com a realidade. Em 1914 os quadros permanentes sofreram alterações não muito significativas, mas que já indicavam as necessidades que se tornaram patentes à participação na Grande Guerra (Fraga, 2010, pp. 27- 29).

Portugal ativou muitos preparativos para mobilizar a Divisão de Instrução que marchou para Tancos de Maio a Agosto de 1916 para receber instrução intensiva de campanha, culminando com exercícios finais, agradando os olhos de muitos (Ascensão, 1928, p. 15). A força a ser mobilizada seria composta por:

- 1 quartel-general de Divisão;
- 3 Brigadas de Infantaria, a 2 Regimentos (18 Batalhões);
- 4 Grupos de Metralhadoras, a 2 Baterias (32 Metralhadoras);
- 4 Grupos de Artilharia de Campanha, a 3 batarias (48 bocas de fogo);
- 3 Grupos de Obuses, a 2 Batarias 24 Obuses;
- 4 Companhias de Sapadores Mineiros;
- 1 Grupo de 2 Esquadrões de cavalaria;
- Serviços Divisionários de Engenharia, Artilharia, Saúde, Veterinários e Administração Militar;
- Depósitos. (Carvalho, 1924, p.6)

Concluídos todos os trabalhos de instrução, em 3 de Janeiro de 1917 foi assinada uma cooperação entre o exército Português e Inglês, que resultou num aumento da força a ser enviada para França, e que por sua vez ficara sob o comando da força expedicionária Inglesa, ficando esta responsável por dar instrução complementar à força enviada por Portugal. Do lado Francês também é feito um pedido para enviar militares para guarnecer 20 a 30 baterias de artilharia (Martins, 1945, pp. 519-520).

Assim sendo, nascem duas forças expedicionárias O CEP – sob o comando Inglês, e o Corpo de Artilharia Pesada Independente – independente do CEP sob o comando Francês (Martins, 1945, p. 520). O CEP ficou subordinado ao XI Corpo Britânico, com uma nova organização, que só seria publicada a 20 de Abril de 1917, a duas Divisões, sendo estas compostas por:

- 1 Quartel-general;
- 2 Brigadas de Infantaria, a 2 Regimentos (3 Batalhões);
- 2 Grupos de Metralhadoras, a 2 Batarias;

- 3 Grupos de Baterias Montadas, a 3 baterias;
- 1 Grupo de Baterias de Obuses;
- 1 Companhia de Sapadores Mineiros;
- 3 Ambulâncias;
- 2 Colunas de Hospitalização;
- 1 Coluna de Transporte de Feridos. (Carvalho, 1924, p. 8)

O primeiro contingente de tropas do CEP chega a Brest a 2 de Fevereiro de 1917, mas o tráfico que se fazia sentir nas linhas férreas, faz com que as primeiras forças a desembarcar só o façam no dia 7 de Fevereiro do mesmo ano. As primeiras forças a desembarcar foram os Batalhões de Infantaria 7 e 21, que estavam acompanhados pelo GESq do Regimento de cavalaria Nº 2, aquartelado em Belém, também pronto a rumar para a Frente Ocidental da Grande Guerra.¹

2.5. Conversão do Grupo de Esquadrões em Grupo de Ciclistas

O último “grande conflito” em que Portugal havia entrado foi a Guerra Peninsular, no qual com o apoio da sua aliada Inglaterra fez frente ao Império Francês. De 1815 a 1914, a reorganização do nosso exército vocacionou-se para uma defesa territorial e não para a participação num conflito além-fronteiras. Mesmo para defesa territorial, em 1914 o dispositivo militar não era sólido, pois a implantação da república deixou dois exércitos em Portugal, o exército republicano e o exército monárquico. Havia indisciplina no exército, que se tentou combater com a reorganização militar de 1911, contudo a reorganização foi morosa, levando a que em 1914 ainda não estivesse cumprida.

Quando se dá o início da guerra na Frente Ocidental, Portugal encontrava-se numa fraca situação política e financeira, marcada pela implantação da república, contudo teve de se manter fiel à velha aliança anglo-lusa (Ascensão, 1928, pp. 13-14). O exército não tinha os quadros totalmente preenchidos, mas mesmo assim Portugal mobilizou, com dificuldade, uma Divisão para receber instrução em Tancos, e com mais dificuldade ainda mobilizou um Corpo de Exército para França. De uma divisão para mobilizar, passou para duas, o que significa que para a Frente Ocidental foram soldados

¹ Ver Carvalho, 1924, p. 9 e Ascensão, 1928, pp.23-24.

que não receberam a instrução de campanha dada em Tancos. Aliás, é importante não esquecer que muitos dos oficiais que foram para a Frente Ocidental não foram os que deram instrução em Tancos durante os exercícios da Divisão de Instrução, logo comandaram soldados que não conheciam.

Portugal partiu para a guerra ainda a organizar-se, mas tal como o comandante da força expedicionária, General Fernando Tamagnini, escreveu: “(...) o soldado português tem magníficas qualidades de adaptação, resistência e valentia. É subordinado e obediente aos seus superiores, quando livre da influência dos nefastados agitadores, que têm descido à caserna (...)” (Carvalho, 1924, p.VII). Com a sua chegada à frente Ocidental, o CEP terá necessidade de se adaptar ao tipo de combate, logo de se reorganizar. Uma das mudanças é a que tratamos neste trabalho, que de seguida, vamos verificar as razões da conversão do GEsq em GCC.

Referimos no subcapítulo anterior, durante a descrição do desembarque em Brest, que estavam presentes forças da unidade do Regimento de cavalaria Nº 2 de Belém. As forças desta unidade constituíam um GEsq que, com a reestruturação da força expedicionária, deixa de estar integrado Divisão e passa a estar integrado no CEP, com um total de 481 militares entre, oficiais, sargentos e praças. A 17 de Janeiro de 1917, o GEsq embarca no Cais de Alcântara, com a Tabela Nº 1 (Ascensão, 1928, pp. 17-18).

Tabela Nº 1 – Relação de Embarque (Fonte: Ascensão, 1928)

Transportes	Oficiais	Praças	Solípedes
Bohemien	13	92	292
Flávia	4	100	263
Pedro Nunes	8	261	-
Somas	25	453	555

Segundo Rodrigues Ascensão (1928, p. 18) há “(...) discordâncias existentes nos efetivos de tratadores em relação aos solípedes atribuídos a cada transporte (...)”. Apesar da sua referência a tratadores, na Tabela Nº1 não encontramos um efetivo de

tratadores, pelo que subentendemos que as praças seriam os tratadores a quem o autor fez referência. Assim sendo, verificamos que houve uma falha na organização de pessoal e solípedes, pois há um navio sem solípedes e outro cheio de praças, logo com mais tratadores e 2 cheios de solípedes e poucas praças. Com o embarque do Batalhão de Infantaria Nº 21 o Bohemien ficou com mais praças, aliviando as praças do GESq. O GESq partiu no dia 17 de Janeiro e chegou a 2 de Fevereiro de 1917.

Após os vários deslocamentos, de 5 a 17 de Março de 1917, as primeiras instruções do GESq tinham começado em Aire e Warnes, dadas pelos Tenente de cavalaria Inglesa Roberts e Williams, sobre metralhadora Hotckiss, que estava prevista ser distribuída em finais de Março desse mesmo ano ao GESq. Após o aumento à carga de material do GESq em 8 metralhadoras Hotckiss e das instruções a esse propósito, iniciou-se um curso para formar instrutores e monitores de metralhadora para dar instrução sobre esta arma quando assim fosse necessário (Ascensão, 1928, pp. 33-37 e 40).

Estas instruções, assim como os relatórios enviados por oficiais do exército britânico, serão tratadas mais especificamente no próximo capítulo. Queremos salientar com estes dados relativos às metralhadoras a importância que era dada pelo exército britânico a tais armas nesta fase da guerra, na qual já não havia movimento, mas apenas uma linha de trincheiras.

Enquanto eram dadas as instruções às secções de metralhadoras, o GESq ia-se lentamente disseminando pelas várias unidades do CEP, chegando a 29 de Maio de 1917 com apenas metade dos militares e solípedes iniciais. Foram enviados militares, solípedes e viaturas para um trem de víveres em Mametz; oficiais para escolas, para serem instrutores; um grupo de 4 oficiais, 4 sargentos e 6 praças em missão junto da cavalaria do XI Corpo Inglês; 40 militares para o 4º Grupo de Baterias de Artilharia, para fazerem serviço de sinaleiros; e foram ainda constituídas forças para o serviço de polícia no campo de tiro de Westrehem – 2 oficiais, 1 sargento, 1 ferrador e 53 soldados² – bem como para reforçar o serviço de polícia no Quartel-general do CEP – 44 militares montados (Ascensão, 1928, pp. 42-44).

O Grupo deixou de ter 2 secções de metralhadoras e passou a ter 2 pelotões de metralhadoras, e deixou de ser um GESq para passar a ser um Depósito de cavalaria, recebendo ordens para estacionar em Saint-Quentin (Ascensão, 1928, pp.41 e 44).

² Ver Arquivo Histórico Militar 1 Divisão/ 35 Secção/ Caixa 511/ Nº 4.

Contudo, estes dois pelotões de metralhadoras, não foram suficientes para satisfazer as necessidades do CEP. Desta forma, a 12 de Julho de 1917 o General Tamagnini manda criar um destacamento de metralhadoras de cavalaria com 8 metralhadoras Hotckiss – composto por 140 militares, 108 solípedes e 6 viaturas – e determina que esse destacamento seja incorporado na 1ª Divisão, e assim ficou até lhe ser ordenado retirar em 10 de Agosto e reintegrar o Grupo.³

Podemos verificar que os militares do GESq desempenharam variadas funções, apoiando qualquer necessidade do CEP. Porém não havia utilidade do GESq como unidade de cavalaria, ou seja, atuando como força de reconhecimento ou de guarda de flanco. O combate nas trincheiras tornava impossível empregar as unidades de cavalaria em combate, sendo estes empregues, no caso português, em serviços do CEP, tais como serviços de polícia e serviços de ligação (Carvalho, 1924. p. 51), ou em combate nas unidades de artilharia ou de infantaria. A necessidade dos exércitos passou a ser ter mais soldados de infantaria e de artilharia, pois eram as armas que se utilizavam mais em combate na guerra de trincheira. A alteração na orgânica do Grupo, de 2 secções de metralhadoras para 2 pelotões de metralhadoras (Ascensão, 1928, p. 41), e logo de seguida com a criação de um destacamento de metralhadoras, que se destacou para a 1ª Divisão, demonstrou existir uma grande necessidade de aumentar o poder de fogo e de colocar unidades com o poder de fogo elevado na 1ª linha da Grande Guerra.

Entretanto desde 15 de Maio de 1917 esteve em “estudo” a possibilidade da conversão do GESq em GCC, após a proposta do GESq ao comando britânico de adicionar ao CEP mais unidades montadas. Esta proposta foi rejeitada pelos Ingleses, que entenderam que não havia necessidade de aumentar o efetivo do GESq, pois a manutenção e alimentação dos cavalos seriam preocupações adicionais. Não nos podemos esquecer que os militares do GESq foram se dissociando pelos vários serviços do CEP por o GESq não poder ser empregue como uma força de exploração ou de choque como foi esperado durante a sua instrução em Portugal⁴. A sugestão que o comando britânico faz ao CEP é antagónica à do CEP ao comando britânico, pois em vez de enviar mais tropas montadas a cavalo, aquele comando propõe deixar os cavalos de parte, e converter as tropas montadas a cavalo em tropas montadas em bicicletas.⁵ Esta conversão seria fácil de fazer se não fosse pela falta de equipamento e de

³ Ver Arquivo Histórico Militar 1 Divisão/35 Secção/ Caixa 88/ Nº 4 e Ascensão, 1928, pp. 51-54.

⁴ Ver Arquivo Histórico Militar 1 Divisão/35 Secção/ Caixa 88/ Nº 4.

⁵ Ver NA-PRO-FO: WO 158-117.

armamento para equipar um GCC. Desta forma em 15 de Maio de 1917, o CEP pediu equipamento para formar um GCC a duas companhias, já que o GCC estava em falta de bicicletas e metralhadoras Lewis.⁶

O binómio cavalo-cavaleiro não era empregue em combate, contudo os cavalos podiam ser utilizados como meio hipomóvel, para transportes de tração da artilharia, mas a tendência na Grande Guerra era de que o seu emprego no campo de batalha fosse desaparecendo. Os principais motivos que levaram a que se desse o desaparecimento do uso de cavalos foram: a manutenção, a alimentação, o facto de os cavalos serem um recurso indispensável para a agricultura e pelo seu comportamento difícil de controlar na linha da frente durante um bombardeamento, um ataque de gases ou um ataque inimigo (Gomes, 2010, pp. 153-154).

Este “estudo” teve o seu término a 23 de Outubro de 1917, com a Ordem 226 do CEP, na qual se refere que o GESq seria dissolvido e tanto o pessoal como o material se devia constituir num GCC, que seria entregue, em Saint-Quentin, em parada no dia 1 de Novembro pelo comandante do GESq ao Capitão de Infantaria Hermínio Rebelo (Ascensão, 1928, pp. 55-59) .

O GESq foi ficando dissociado, levando a uma conversão morosa que só viu a instrução das duas companhias de ciclistas terminada a 30 de Março de 1918. A constituição do GCC não foi tão simples como indicar em ordem de serviço que os Esquadrões passavam a ser Companhias de Ciclistas. Na verdade, foi necessário constituir novas companhias e pelotões, com os militares que se encontravam no Depósito da cavalaria. Desta forma, a primeira companhia de ciclistas era composta por militares do 1º Esquadrão e por militares do 2º Esquadrão, sendo que a 1ª Companhia de Ciclistas contou com um total de 107 sargentos e praças.⁷

Dos relatórios elaborados pelo XI Corpo de cavalaria Britânico relativamente aos oficiais e sargentos da cavalaria portuguesa enviados para o Corpo de cavalaria, verificamos que os portugueses não estavam enquadrados no tipo de guerra que decorria, pois esta não era uma guerra em que se recorria à mobilidade e em que se lançavam cargas contra o inimigo.⁸ Pelas informações do relatório somos levados a acreditar que a instrução que o GESq recebeu em Tancos, teve como objetivo preparar a cavalaria para entrar em combate como uma unidade que atacaria pelo choque, apesar

⁶ Ver NA-PRO-FO: WO 158-117.

⁷ Ver Arquivo Histórico Militar 1 Divisão/35 Secção/ Caixa 88/ Nº 10 e ASCENSÃO, 1926, pp.67-82.

⁸ Ver Arquivo Histórico Militar 1 Divisão/35 Secção/ Caixa 88/ Nº 4.

de o cenário na Frente Ocidental não o permitir. Como pudemos verificar deu-se muito mais importância ao poder de fogo que o Grupo tinha, que se encontrava nas metralhadoras. É o dilema do choque contra o fogo, sendo que o fogo se tornou tão intenso que de nenhuma forma o choque o conseguiria derrubar, não importando a determinação ou decisão de que m o desafiasse.

O emprego de cavalos em combate na Grande Guerra nunca teve sucesso, pois era impossível aos cavalos atravessar a terra-de-ninguém e atacar a primeira linha de trincheiras, sem que não fossem batidos pelo fogo, ou que ficassem presos nos arames ao longo da terra-de-ninguém. Assim, com a sua chegada à Flandres o binómio cavalo-cavaleiro do GESq nunca foi empregue em combate, e havendo necessidade de completar satisfazer as necessidades do CEP, os soldados de cavalaria, acabaram por desempenhar funções como soldados infantaria, artilharia, serviço de ligação e de polícia. Desta forma, e após ter sido discutido com o comando da Força Expedicionária Britânica, os cavalos na Grande Guerra não podiam ser empregues e a sua permanência nela só traria mais custos na sua manutenção e alimentação.

A decisão de mudar de montada, ou seja, de trocar os cavalos pelas bicicletas, e do respetivo comando, dá-se por causa das dificuldades sentidas ao nível da manutenção dos cavalos, tratamento e alimentação, pois para excetuar serviços de polícia e de ligação a unidade tanto podia estar montada a cavalo como numa bicicleta. Realizando estas missões de bicicleta a unidade careceria de menos preocupações e conseguia executar as suas missões.

2.6. Conclusões

Podemos concluir que no período que antecede a Grande Guerra a guerra era feita com recurso ao movimento, tal como foi planeado no plano Schlieffen. No entanto, e fruto das revoluções industriais que se haviam iniciado no século anterior, as armas de fogo começaram a ser cada vez mais precisas. Surgem armas de retrocarga, armas de repetição, metralhadoras e sistemas de absorção e recuo das peças de artilharia que aumentavam o seu alcance. Começava a ser mais seguro aguardar que o inimigo aparecesse do que as forças procurarem o contato com o inimigo. Dado que era mais seguro aguardar pelo inimigo do que ir à procura deste, começa-se a favorecer as trincheiras e vai-se quebrando o movimento no campo de batalha.

Contudo, não foi só na Grande Guerra que as unidades de cavalaria sentiram dificuldades nos seus deslocamentos. Na verdade, já na Guerra Franco-Prussiana, se notavam tais dificuldades, uma vez que as armas de fogo, apesar de menos poderosas que as da Grande Guerra, conseguiam causar um elevado número de baixas, tornando assim necessário aumentar o poder de fogo das unidades de cavalaria. Desta forma, as unidades de infantaria começam a acompanhar as unidades de cavalaria, mas sem muito sucesso, pois as unidades de infantaria eram como limitadores do movimento das unidades de cavalaria. A solução acabou por ser encontrada quando com o aparecimento dos pneus nas bicicletas, permitindo a sua utilização em terreno mais irregular.

Portugal encontrava-se numa situação fraca ao nível político e económico, tendo ainda com os quadros orgânicos do Exército por preencher, mas mesmo assim teve necessidade de entrar na frente Ocidental, por uma questão de fidelidade à sua aliada Inglaterra. Portugal não entrava numa grande conflito desde as Invasões Francesas em 1815 e o seu dispositivo estava mais vocacionado para defender o seu território, não para atuar além-fronteiras. Mesmo assim seguiu rumo à Flandres, ainda a ajustar-se e a receber materiais.

Com a sua chegada à Flandres, as secções de metralhadoras de cada um dos Esquadrões do GEsq, foram receber instruções com oficiais de cavalaria para futuramente receberem metralhadoras médias Hotchkiss. À medida o GEsq recebia instruções simultaneamente ia-se disseminando pelo CEP, desempenhando patrulhamentos de campos de tiro, serviço de polícia, serviços de ligação, ou entrando em combate, em unidades de artilharia ou de infantaria. Os cavalos podiam ser utilizados como meio hipomóvel, para transportes de peças de artilharia, mas a tendência na Grande Guerra era que o seu emprego no campo de batalha desaparecessem. Isto deveu-se aos motivos acima referidos, designadamente os custos de alimentação e manutenção, dos cavalos a necessidade destes para a agricultura na retaguarda, pois na linha da frente podiam ser facilmente mortos, e ainda pelo custo económico e temporal da criação de cavalos. Assim sendo, e visto que as bicicletas podiam ser empregues como os cavalos durante a Grande Guerra, entendeu-se ser melhor opção trocar cavalos por bicicletas, pois estas últimas careciam de menos preocupações. Desta forma, o GEsq é convertido em GCC.

Capítulo 3

Organização do Grupo de Ciclistas do Corpo Expedicionário Português

3.1. Introdução

Neste capítulo será abordada a organização do GCC do CEP, analisando-se primeiramente a sua orgânica, ao nível do efetivo e da sua estrutura e, feita essa análise, verificar-se-á qual o equipamento que equipava o GCC. Em ambos os casos pretendemos verificar as alterações que se deram e entender o seu porquê. No final apresentaremos as conclusões da referida análise.

3.2. Orgânica do Grupo de Ciclistas do Corpo Expedicionário Português

A organização que o GESq levou para a Flandres era muito simples, como podemos verificar na Figura N°1. Era composto por um Estado Maior e menor, e 2 Esquadrões. Os 2 Esquadrões por sua vez organizavam-se em 4 pelotões e 1 secção de metralhadoras. No total o GESq tinha um efetivo de 479 militares, dos quais 24 oficiais, 30 sargentos e 425 praças, com 497 solípedes e 15 viaturas. Cada Esquadrão tinha 210 militares, entre 7 oficiais, 11 sargentos e 192 praças, sendo que um oficial era o comandante de Esquadrão, outro o segundo comandante, quatro eram comandantes de pelotão, e o último comandante da secção de metralhadoras (Ascensão, 1926, pp. 85-87). Esta organização era ligeiramente diferente da que existia num GESq Britânico, em 1914. Um GESq Britânico podia ser constituído por 3 ou 4 esquadrões, e cada um dos Esquadrões era composto por 4 pelotões. No caso de ser constituído por 3 Esquadrões, existia apenas uma secção de metralhadoras para apoiar o Grupo ao contrário do caso português, em que a secção de metralhadoras compunha cada um dos Esquadrões (Gudmundsson,2005,p.50).

O Estado Maior e menor estava sobre o comando do comandante do GESq, Major de cavalaria João Rodrigues Ascensão, o 1º Esquadrão e 2º Esquadrão, estavam sob o comando do Capitão de cavalaria Joaquim Batista Leone Júnior e ao Capitão de cavalaria Álvaro Pope, respetivamente. Os comandos dos pelotões e das secções de metralhadoras ficaram entregues a Alferes de cavalaria. Relativamente a toda a parte da veterinária estava toda concentrada no Estado Maior e menor do Grupo, sobre chefia de um Capitão Veterinário. No que toca à siderotécnica cada subunidade tinha o seu ferrador, perfazendo um total de 11 ferradores no GESq, 5 por Esquadrão, 1 para cada pelotão e 1 para a secção de metralhadoras, e 1 ferrador no Estado Maior e menor (Ascensão, 1926, pp. 67-82).

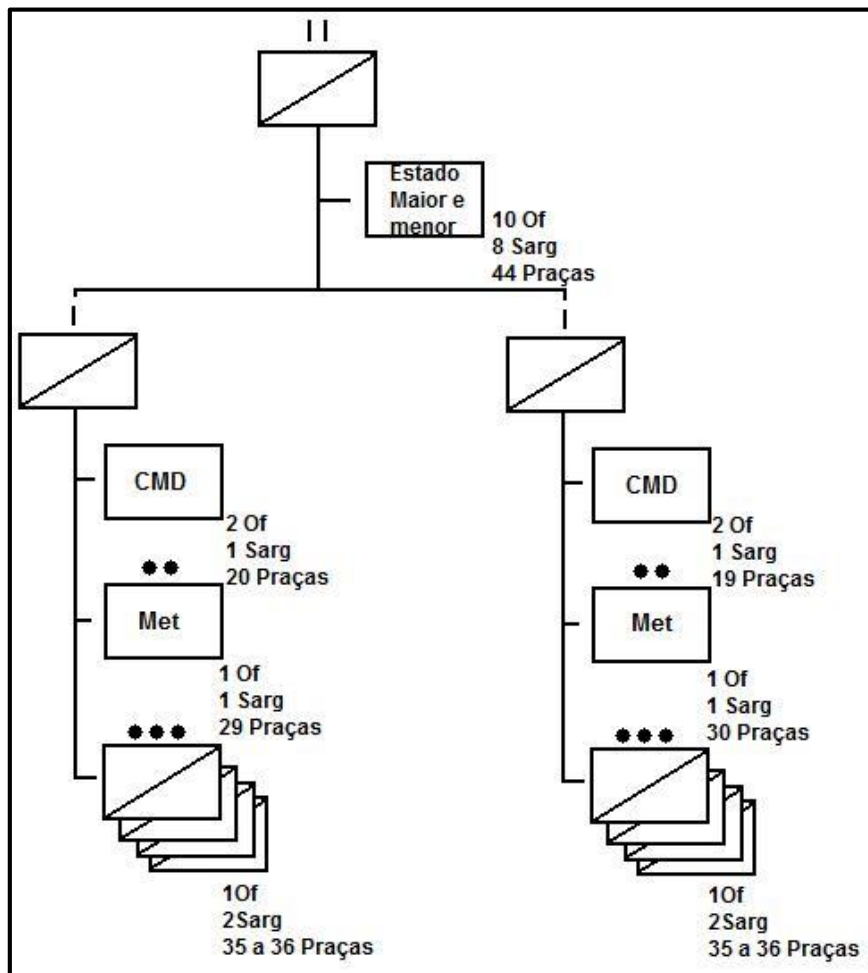


Figura Nº 1 – Organograma do GESq

A Figura Nº 1 explana a constituição com que o GESq saiu de Portugal rumo à Flandres, com uma orgânica semelhante à orgânica de um GESq Britânica. Como verificamos no capítulo anterior o Grupo foi se lentamente disseminando, enviando militares para outras forças e empregando os militares em serviços de polícia e de ligação. Posteriormente o Grupo sofreu uma alteração ao nível orgânico, para satisfazer as necessidades do CEP na linha da frente, que foi a mudança da secção de metralhadoras de cada Esquadrão, para 1 pelotão de metralhadoras, para cada Esquadrão.

Como já referimos no capítulo anterior o Grupo nunca teve um empenhamento como unidade e com as suas subunidades poucos foram os seus empenhamentos. Todos os serviços que lhe foram requisitados em nenhum deles se pediu para o serviço um pelotão, ou um esquadrão, sendo apenas pedido o número de praças, sargentos e oficiais para o serviço. O único serviço pedido a uma subunidade do Grupo, foi com os pelotões e secções de metralhadoras, para aumentar o poder de fogo junto das unidades na linha da frente. Tudo isto levou a que pouco e pouco o Grupo se fosse “desfazendo”, passando no início de Junho a ser um Depósito de cavalaria, que estacionou em Saint-Quentin.

Mesmo como Depósito de cavalaria não deixou de enviar soldados para satisfazer as necessidades do CEP, e em 10 de Julho de 1917 compõe um destacamento de metralhadoras que se apresentava no Quartel-general da 1ª Divisão em Lestrem e só recebeu ordem para retirar em dia 10 de Agosto.⁹ Este destacamento, não tinha uma constituição orgânica (Ascensão, 1926, pp. 50-51). O do destacamento era composto da seguinte forma:

⁹ Ver Arquivo Histórico Militar 1 Divisão/35 Secção/ Caixa 785/ Nº 9.

Tabela Nº 2 – Organização do Destacamento de metralhadoras (Fonte: Ascensão, 1928)

Categorias	Homens	Solípedes	Viaturas			
			Munições	Transporte de Feridos	Carro da Água	Trem Regimental
Oficiais	9	10				
Praças	114	72				
SecMetralhadoras	8	10				
Condutores	9	16	2	1	1	2
Total	140	108	2	1	1	2

Quando se deu a conversão do GESq em GCC, o comando do GESq passou para o Capitão de Infantaria Hermínio Rebelo, em parada geral, em Saint-Quentin, no dia 1 de Novembro de 1917 (Ascensão, 1926, p.55). Com a conversão há alterações na orgânica da unidade, ao nível dos efetivos e da sua estrutura. Como podemos verificar nas tabelas de sargentos e praças que integraram o GCC que foram por nós consultadas no Arquivo Histórico Militar, apenas alguns sargentos e praças do extinto GESq passaram a fazer parte do GCC. O GCC foi constituído com sargentos e praças de cavalaria e de infantaria.¹⁰

Os militares que pertenciam ao GESq passaram ao Depósito de cavalaria, contudo estavam adidos ao GCC. A primeira ordem de serviço da unidade de ciclistas do CEP por nós conhecida tem data de 1 de Novembro de 1917, sendo da 1ª Companhia de Ciclistas. Até 1 de Janeiro de 1918, o GCC era constituído apenas pela 1ª Companhia de Ciclistas e o Capitão Hermínio Rebelo assumia dupla função de comando, comandante do GCC e da 1ª Companhia. Na ordem de serviço nº1 de 1 de Janeiro de 1918, a unidade passou a constituir GCC, com Estado Maior e menor, 1ª Companhia e 2ª Companhia. No comando do GCC manteve-se o Capitão Rebelo, passando o comando da 1ª Companhia ao Capitão de Infantaria António Ferreira Júnior, e o comando da 2ª Companhia ao Capitão de Infantaria José Ribeiro Barbosa.¹¹

¹⁰ Ver Arquivo Histórico Militar 1 Divisão/ 35 Secção/ Caixa 1788/ Nº7.

¹¹ Ver Arquivo Histórico Militar 1 Divisão/ 35 Secção/ Caixa 1514.

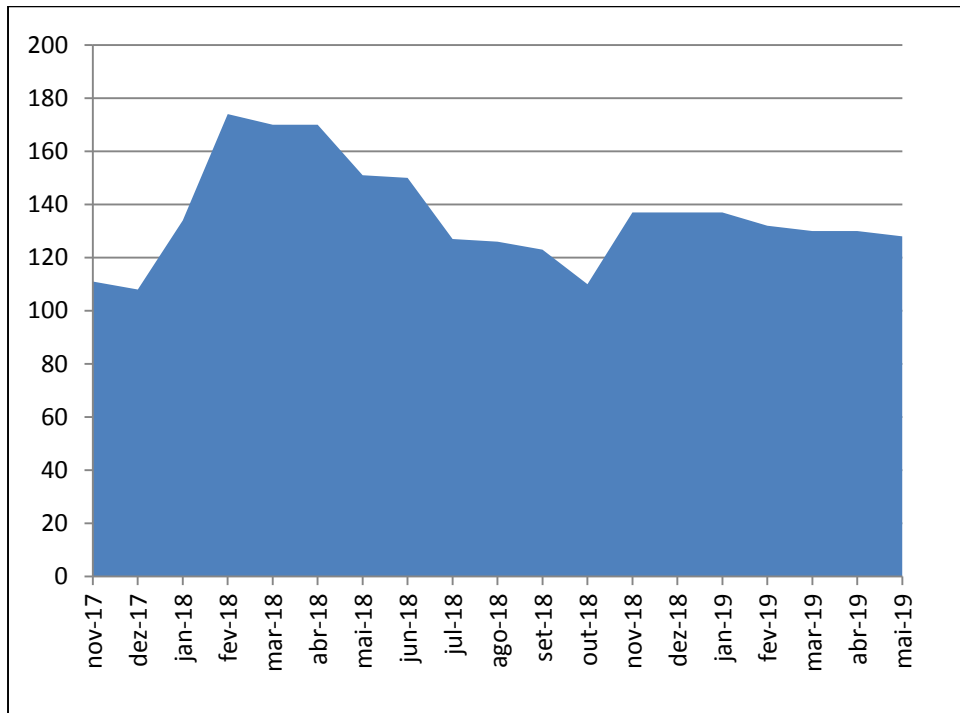


Figura Nº 2 – Efetivo mensal da 1ª Companhia de Ciclistas

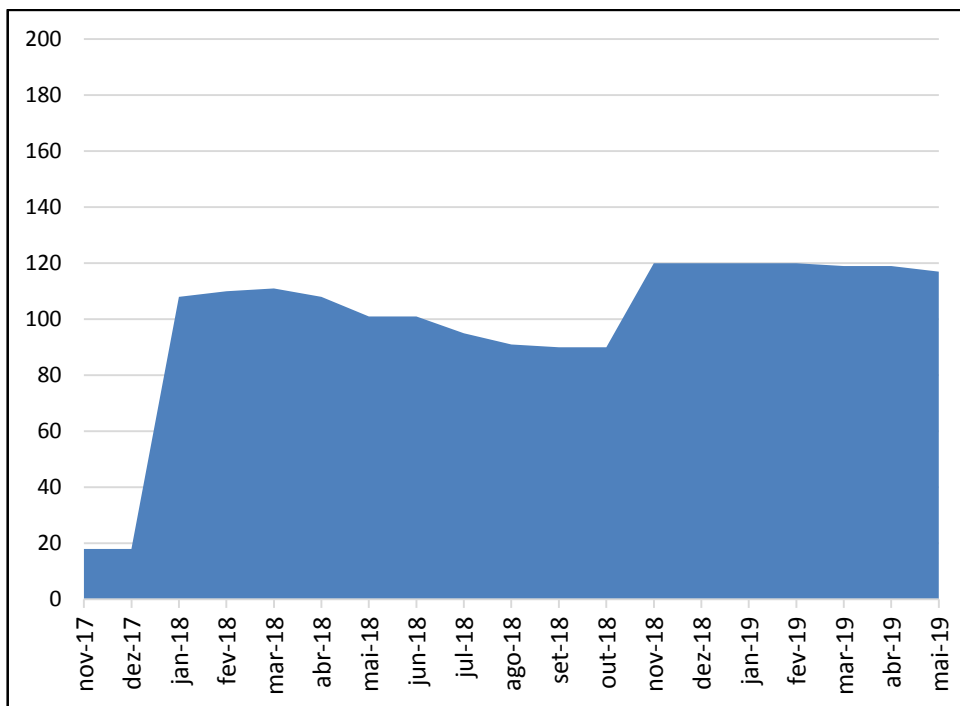


Figura Nº 3 – Efetivo mensal da 2ª Companhia de Ciclistas

O GCC manteve 2 unidades de escalão companhia. O efetivo de cada uma das companhias nunca foi um efetivo fixo, havendo entradas e saídas de sargentos e praças em cada uma das companhias no período compreendido entre Novembro de 1917 e Maio de 1919.¹² Com base nas tabelas de sargentos e praças que integraram o GCC que foram por nós encontradas no Arquivo Histórico Militar elaboramos os gráficos supra apresentados, nos quais podemos verificar o efetivo de sargentos e praças, de cada uma das companhias ao longo dos meses desde Novembro de 1917 a Maio de 1919.

No total entraram 237 soldados e sargentos e saíram 109 na 1ª Companhia. Quanto à 2ª Companhia podemos verificar que o seu efetivo foi mais reduzido, tendo entrado para esta um total de 149 soldados e sargentos e saído 61. Contudo, mesmo com efetivos diferentes, verificar que são muito semelhantes, atingindo o auge de efetivos em Março de 1918, com uma redução no período de Maio de 1918 a Outubro de 1918, mantendo-se no período de Novembro de 1918 a Maio de 1919.

Está presente, na ordem de serviço nº1, de Novembro de 1917, outra informação que é importantíssima para entendermos o porquê do efetivo da 1ª Companhia ser maior que o da 2ª e ainda para compreendermos melhor a estrutura do GCC. Segundo essa mesma ordem de serviço, integram na 1ª Companhia 107 sargentos e praças nesse dia, sendo que 59 pertenciam às metralhadoras ligeiras, 27 à secção de sinaleiros, 6 eram condutores e os restantes 15 seriam ciclistas. Contudo, quando é composta a 2ª Companhia de ciclistas, não é feita nenhuma referência relativamente à secção de sinaleiros, levantando assim a possibilidade de esta subunidade não pertencer à 1ª Companhia de Ciclista, mas sim ao GCC. Assim sendo, a razão pela qual o efetivo da 1ª Companhia de Ciclista é maior, seria por nela estarem incorporados os militares que pertenciam à secção de sinaleiros. Tal como os militares que incorporaram a 2ª Companhia em 1917 como pudemos ver no gráfico, pertenciam inicialmente à 1ª Companhia, pois esta só foi composta em Janeiro 1918, na 1ª Companhia estão incluídos os militares que incorporavam a secção de sinaleiros e as secções de metralhadoras ligeiras.¹³ Pudemos suportar esta ideia com o memorandum nº97, que

¹² Ver Arquivo Histórico Militar 1 Divisão/ 35 Secção/ Caixa 1788/ N°7.

¹³ Ver Arquivo Histórico Militar 1 Divisão/ 35 Secção/ Caixa 1514 e ver Apêndices A e B.

data 3 de Abril de 1918, em que está escrito “Deve apresentar-se no G. Ciclistas a respetiva secção de sinaleiros já instruída.”¹⁴.

Relativamente às metralhadoras ligeiras, numa ordem de serviço do XI Corpo de cavalaria Britânico está escrito que as 4 metralhadoras Lewis a serem distribuídas ao GCC eram para as Companhias de Ciclistas¹⁵. Desta forma, as 4 metralhadoras Lewis seriam distribuídas 2 para uma companhia e 2 para a outra, compondo 2 secções de metralhadoras ligeiras em cada companhia. A sua finalidade tática era apoiar as companhias de ciclistas durante o combate, no ataque ou na defesa¹⁶.

Em 1914, uma Companhia de Ciclistas Britânica era constituída pelo comando da companhia e 6 pelotões e que cada um desses pelotões se divide em 4 esquadras. Cada pelotão tinha 1 oficial, 1 sargento e cerca de 29 de praças, sendo que cada esquadra era constituída por 1 cabo comandante da esquadra e 6 praças. O comando da companhia era composto pelo comandante e segundo-comandante, 2 sargentos e 11 praças (Gudmundsson, 2005, p.50).

Em 1911, segundo o Regulamento para instrução de infantaria ciclista, um pelotão de ciclistas era composto por 1 subalerno, 1 sargento, 1 cabo e 24 soldados.¹⁷ Tomando por base esta organização de pelotão, cada uma das companhias do GCC conseguia compor-se no máximo em 3 pelotões a 4 secções, contudo como pudemos verificar pelos gráficos, os efetivos das companhias não foram fixos, logo nem sempre se conseguia compor em 3 pelotões Desta forma chegamos ao seguinte organigrama:

¹⁴ Ver Arquivo Histórico Militar 1 Divisão/35 Secção/ Caixa88/ N° 10.

¹⁵ Ver NA-PRO-FO: WO 158-117.

¹⁶ Ver Arquivo Histórico Militar 1 Divisão/35 Secção/ Caixa 511/ N°4.

¹⁷ Ver Arquivo Histórico Militar 3 Divisão/ 5 Secção/ N°2 / Caixa 5/ Peça 68.

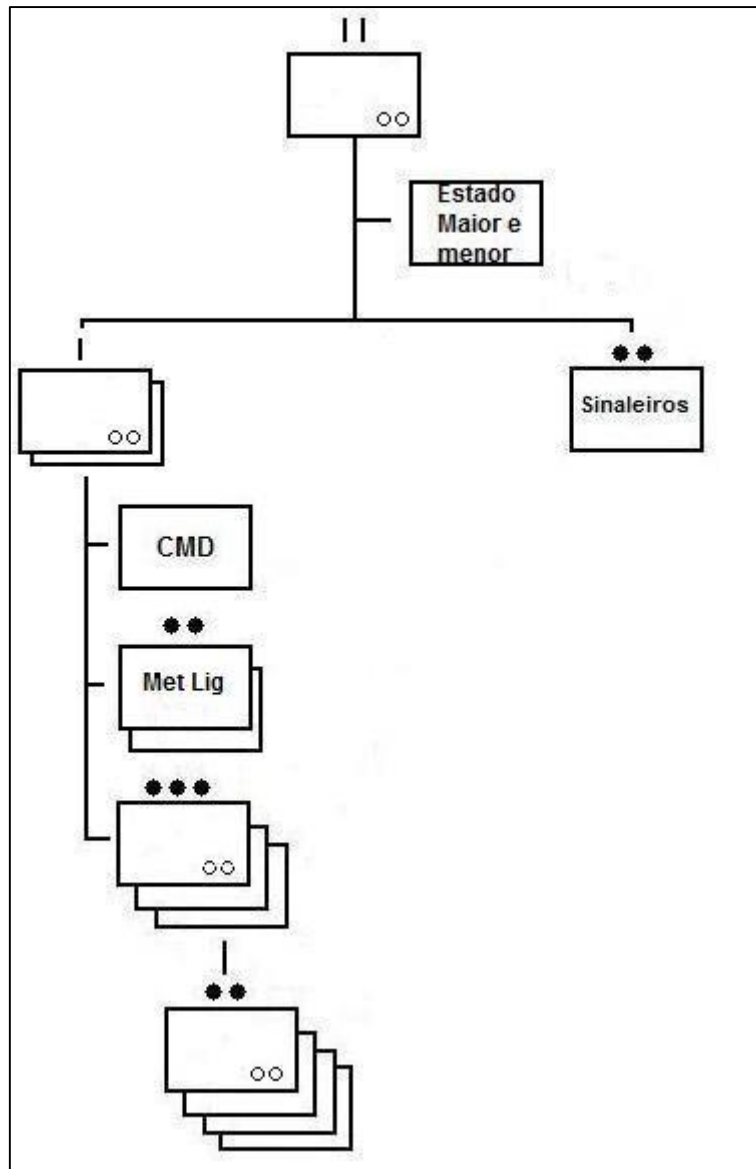


Figura N° 4 – Organigrama do GCC

Vimos ao longo deste subcapítulo as alterações ao nível da estrutura e do pessoal que o GESq sofreu com a sua conversão em GCC. No caso do efetivo houve uma redução, consequência das saídas do pessoal do GESq, em missão para outras unidades do CEP. Quanto às secções de metralhadoras que compunha cada Esquadrão passaram a duas secções de metralhadoras ligeiras em cada Companhia. Além destas alterações verificamos que criou uma nova subunidade, a secção de sinaleiros.

3.3. O material do Grupo de Ciclistas do Corpo Expedicionário Português

Ao nível do armamento o Grupo partiu equipado com carabinas 6,5mm, espadas C m/915 e O m/915, lanças m/911 e pistolas 7,65mm. Das 290 carabinas 6,5mm, 4 estavam distribuídas ao Estado Maior e menor e 143 em cada Esquadrão. Das 353 espadas, 349 C m/915 e 4 O m/915, em que 9 C m/915 estavam distribuídas ao Estado Maior e menor e 170 também C m/915 distribuídas a cada um dos Esquadrões. Quanto às espadas O m/915, estas estavam distribuídas ao comandante e segundo-comandante do Grupo e aos comandantes de Esquadrão. Das 268 lanças m/911 estavam 2 distribuídas ao Estado Maior e menor e 133 a cada um dos Esquadrões. Das 191 pistolas 7,65mm, 59 estavam distribuídas ao Estado Maior e menor e 66 a cada um dos Esquadrões. Além deste armamento, o Grupo também tinha à sua carga material telegráfico, de pioneiro, munições, equipamento para solípedes, sanitário, viveres e rações, e material veterinário (Ascensão, 1926, pp. 88-98).

Podemos verificar que o GEsq seguiu rumo à Grande Guerra com metralhadoras Hotckiss ainda por receber na Flandres, que como já vimos anteriormente foram 8 recebidas, após as secções de metralhadoras receberem instruções com oficiais britânicos de metralhadoras. Podemos ainda concluir que dentro dos Esquadrões, quem estava equipado com as carabinas 6,5mm e as lanças m/911 eram as praças dos pelotões, quanto às pistolas 7,65mm estas estavam distribuídas aos oficiais, sargentos e às praças do comando e das secções de metralhadoras, e quanto às espadas C m/915 estavam distribuídas pelos praças dos pelotões e das secções de metralhadoras. A Tabela N° 3 torna mais fácil a compreensão o que está supra referido:

Tabela Nº 3 – Relação de material do GEsq (Ascensão, 1926, pp.88-98)

Unidade	Carabina 6,5mm	Pistola 7,5mm	Metra Hotchkiss	Lança m/911	Espada		Arreio para Cavalo O	Arreio para Cavalo P
					O m/915	C m/915		
Estado Maior e menor	4	59	-	2	2	9	10	17
1º Esq	143	66	4	133	1	170	7	189
2º Esq	143	66	4	133	1	170	7	189

Quando começou o “estudo” para a conversão do GEsq em Grupo de Ciclistas o maior problema foi o material, nomeadamente bicicletas e metralhadoras Lewis. Por não haver material suficiente, quer do lado Português quer do lado Britânico para equipar o GCC é que esteve em “estudo” a conversão do GEsq em GCC. Portugal não tinha capacidade de enviar para a Flandres nem bicicletas nem metralhadoras Lewis, sendo esse material e equipamento requisitado ao comando Britânico. Ao nível do armamento, o GCC manteve as armas que o GEsq tinha à sua carga.¹⁸ Contudo, a metralhadora Hotchkiss dificilmente poderia ser utilizada por unidades de ciclistas, por ser uma metralhadora média. Assim sendo, houve a necessidade de requisitar metralhadoras Lewis para o GCC, pois estas eram metralhadoras ligeiras, logo de mais fácil emprego por um ciclista.¹⁹

Segundo a ordem de serviço nº34 de 3 de Dezembro de 1917, são recebidas do Depósito de Material de Guerra Inglês 100 bicicletas para equipar o GCC.²⁰ Estas foram as primeiras bicicletas a serem recebidas pelo GCC.²¹ Relativamente às restantes bicicletas não conseguimos encontrar nenhuma informação, sabemos apenas que a 1ª Companhia de Ciclistas terminou a sua instrução em 23 de Fevereiro de 1918, e que a 2ª

¹⁸ Ver Arquivo Histórico Militar 1 Divisão/ 35 Secção/ Caixa 1514.

¹⁹ Ver NA-PRO-FO: WO 158-117.

²⁰ Ver Arquivo Histórico Militar 1 Divisão/ 35 Secção/ Caixa 1514.

²¹ Ver Anexo A.

Companhia terminou mais tarde, a 30 de Março de 1918.²² Assim sendo, entendemos que a 30 de Março de 1918 as duas companhias já tinham à sua carga bicicletas suficientes para equipar todos os seus militares.²³

O GCC não dispunha de artigos de bicicletas no Grupo, enquanto no caso do GESq este tinha à sua carga ferraduras e material de ferração, ou mesmo na falta de qualquer tipo de artigo o GESq deveria requisitar ao CEP esse mesmo artigo. No caso das bicicletas a situação alterou-se, pois o Depósito de Material e Automóvel do CEP não dispunha dos artigos para bicicletas. Por este motivo todas as requisições de material de bicicletas eram enviadas para o responsável em missão de ligação junto do Quartel-general do CEP.²⁴ Ao nível do material o CEP não estava preparado para converter o GESq em GCC.

Relativamente às metralhadoras, não era possível utilizar a metralhadora Hotchkiss que pertenciam ao GESq, por esta ser uma metralhadora média, e esta metralhadora podia ser empregue na 1ª linha da guerra. Desta forma, a conversão do GESq em GCC, levou o comando Britânico à solução presente na ordem de serviço deste, a 6 de Novembro de 1917, de o CEP requisitar 4 metralhadoras Lewis para equipar as companhias de ciclistas, e que as 8 Hotchkiss que tinham sido entregues ao GESq, juntamente com as 8 Hotchkiss que estavam no Depósito do CEP, fossem trocadas por 16 Vickers que iriam ser entregues ao 4º Grupo de Metralhadoras.²⁵ A proposta foi aceite pelo CEP e a 31 de Dezembro de 1917, o GCC recebe 4 metralhadoras Lewis, distribuídas pelo Depósito de Material de Guerra Inglês.²⁶

Podemos concluir que trocar os cavalos do GESq para bicicletas, foi um processo moroso, pois não havia material suficiente para equipar um GCC com menos uma companhia. Ao contrário das unidades de cavalaria os ciclistas não tinham capacidade para se movimentarem com metralhadoras Hotchkiss, por serem metralhadoras médias, e daí surge a necessidade de trocar para metralhadoras Lewis. Ora, desde finais de Março, quando se começou a pensar na conversão, até 23 de Outubro, foi o tempo necessário para que o comando britânico conseguisse ter bicicletas suficientes para fornecer ao CEP. Mesmo tendo sido realizada a conversão surge mais tarde um

²² Ver Arquivo Histórico Militar 1 Divisão/ 35 Secção/ Caixa 88/ Nº 10.

²³ Ver Anexo B.

²⁴ Ver Arquivo Histórico Militar 1 Divisão/ 35 Secção/ Caixa 785/ Nº 9.

²⁵ Ver NA-PRO-FO: WO 158-117.

²⁶ Ver Arquivo Histórico Militar 1 Divisão/ 35 Secção/ Caixa 1514.

problema, fruto da adaptação em teatro de guerra, que foi o problema ao nível logístico no GCC. O CEP não era capaz de disponibilizar artigos de bicicletas para substituir peças das bicicletas que estivesse danificadas. O GCC foi se constituindo em material, recebendo a 31 de Dezembro de 1917 as 4 metralhadoras Lewis que tinham sido requisitadas ao comando britânico. Além de todo este material e equipamento de guerra, o GCC recebeu novas peças de fardamento a 29 de Dezembro de 1917, tais como: botas baixas, palmilhas, luvas de lã, camisolas de lã, barretes de marcha e barretes de bivaque²⁷.

3.4. Conclusões

O facto do GESq se ter disseminado pelas unidades do CEP, provocou uma redução nos efetivos, que por consequência levou a uma alteração da estrutura do GESq, que se veio a refletir no GCC, que apesar de manter 2 unidades de escalão companhia, é ainda composto por uma secção de sinaleiros. Relativamente a cada companhia compunha-se em comando, 2 secções de metralhadoras ligeiras e podia ter no máximo 3 pelotões, sendo que cada pelotão se compunha em 4 secções. Dizemos que no máximo podia ter 4 pelotões, pois o efetivo do GCC nunca foi fixo, as companhias atingiram o maior número de militares no mês de Abril de 1918, a partir do qual, os números foram reduzindo até Outubro de 1918, após este manteve-se constante até Maio de 1919.

Quanto ao seu equipamento, o processo de conversão de GESq para GCC, demonstrou que houve dificuldade na aquisição de material, sendo por este motivo que este desde Março de 1917 a finais de Outubro desse ano, em “estudo” a conversão em GCC. A 31 de Dezembro de 1917 o GCC recebeu 100 bicicletas, as restantes bicicletas não temos dados relativamente a estas, contudo, sabemos que as 2 companhias a 23 de Março de 1918, já tinham terminado a sua instrução, e sendo assim, encontravam-se equipadas com bicicletas nessa data. Quanto às 4 metralhadoras ligeiras Lewis, estas foram recebidas pelo GCC a 31 de Dezembro de 1917, sendo depois distribuídas às secções de metralhadoras ligeiras de cada companhia. Esta alteração deu-se, pois a metralhadora Hotkiss, por ser uma metralhadora média, não poder ser utilizada em bicicletas. Quando começam a surgir os problemas com artigos de bicicletas

²⁷ Ver Arquivo Histórico Militar 1 Divisão/ 35 Secção/ Caixa 1514.

danificados, era necessário pedir ao responsável da missão de ligação do comando britânico, para que o exército britânico enviasse esses artigos, pois o Depósito de Material e Automóvel do CEP não dispunha dos artigos para bicicletas. Em relação a fardamento, o GCC recebe novos artigos de fardamentos.

Capítulo 4

Emprego Tático das Unidades de Ciclistas

4.1. Introdução

Sem querermos discutir a possibilidade de uma substituição da cavalaria por unidades de ciclistas, somos levados a dizer que no período anterior e corrente da Grande Guerra, estava reservado um grande futuro às unidades de ciclistas. Neste sentido vamos verificar como é que estas unidades eram empregues taticamente, para posteriormente analisarmos como é que estas unidades fora empregues no seio do CEP.

4.2. Emprego tático das unidades de Ciclistas

As unidades de ciclistas eram capazes de um momento para o outro desenvolver um fogo eficaz e muitas vezes de surpresa, deslocando-se rapidamente e sem grandes esforços para outra posição. Estas unidades, devido à sua grande mobilidade, podiam manobrar no terreno com uma certa iniciativa e a distâncias consideráveis das grandes massas de cavalaria (Machado, 1907, p.207). É importante salientar que a mobilidade das unidades de ciclistas dependia muito dos itinerários que existissem no campo de batalha, caso contrário a sua mobilidade iria ser mais reduzida.

Em 1907 as unidades de ciclistas podiam ser empregues de três formas diferentes, sendo elas: quando os ciclistas eram empregues juntos da infantaria; quando os ciclistas eram empregues junto da cavalaria; e por fim quando os ciclistas desempenhavam as suas missões especiais. No primeiro caso, ciclistas empregues com a infantaria, as unidades ciclistas atuam como uma força de auxílio, pois as velocidades de marcha de um comprometiam o outro, assim sendo, os ciclistas deviam ser empregues com a infantaria quando não houvesse possibilidade de empregar unidades de cavalaria. No segundo caso, empregues junto da cavalaria, os ciclistas eram destinados a aumentar o poder de fogo da cavalaria, conferido proteção pelo fogo

durante os deslocamentos das unidades de cavalaria, por forma a impedir que esta fosse surpreendida pelo poder de fogo das unidades inimigas. Quanto ao terceiro caso, ciclistas em missões especiais, era em situações em que os ciclistas atuavam como força independente, executando tarefas semelhantes à cavalaria, podendo: conquistar terreno para facilitar a manobra do grosso da força; sustentar um ponto no terreno até à chegada da guarda avançada do grosso; executar emboscadas a forças inimigas; e executar golpes de mão na retaguarda do inimigo (Machado, 1907, pp. 207-210).

Além destas formas de emprego, o Regulamento para instrução de infantaria ciclista de 1911, previa ainda outros empregos em tempo de guerra para estas unidades. Os ciclistas também podiam ser empregues em serviço de estafetas ou esclarecedores. Como estafetas, eram empregues para manter a ligação entre as forças de cavalaria e o grosso da força; como esclarecedores, eram empregues para reconhecer o terreno.²⁸

Todas estas ações regiam-se, tal como já referimos anteriormente, pelas condições dos itinerários, sendo que as boas condições e um número elevado de itinerários favoreciam o emprego das unidades ciclistas, pois permitiam que os ciclistas manobrassem de posição em posição mais rapidamente, contribuindo para o elemento de surpresa, tornando mais difícil de saber qual a próxima posição a ocupar. A falta de itinerários ou os itinerários em más condições iriam afetar a mobilidade destas unidades, tornando-as mais vulneráveis.²⁹

As unidades de ciclistas tinham como vantagens: as armas todas poderem ser empregues na frente, pois ao contrário dos cavalos, não era necessário ficarem militares a segurar os cavalos; não era necessário procurar posições cobertas para as bicicletas, o mesmo não se verificava com os cavalos; a silhueta de um ciclista é mais reduzida que a de um binómio cavalo-cavaleiro, tornando-se mais difícil de referenciar no campo de batalha, e os ciclistas eram mais rápidos que a apear e a ocupar uma posição de tiro. Como desvantagens: os ciclistas não tinham poder de choque; se não existisse uma boa rede de itinerários, o terreno tornava-se uma limitação ao deslocamento destes; e quando são empregues como uma unidade independente podem ser mais facilmente surpreendidos.³⁰

²⁸ Ver Arquivo Histórico Militar 3 Divisão/ 5 Secção/ N°2/ Caixa 5/ Peça 68.

²⁹ Ver Arquivo Histórico Militar 1 Divisão/35 Secção/ Caixa 88/ N° 4.

³⁰ Ver Arquivo Histórico Militar 1 Divisão/35 Secção/ Caixa 511/ N°4.

4.3. O emprego tático do Grupo de Ciclistas

Como referimos no capítulo anterior, as companhias de ciclistas necessitaram de receber instrução de ciclistas. Durante o trabalho de campo no Arquivo Histórico Militar, encontrámos um Regulamento de manobra dos ciclistas, dentro de uma caixa da Grande Guerra, que em conversa com o Doutor João Tavares, o mesmo disse: “que o regulamento de manobra dos ciclistas, não parecia ter uma forma de um regulamento, mas sim de um rascunho”. Desta forma, levantamos a possibilidade deste regulamento ser uma tradução de um regulamento britânico.

O regulamento faz a seguinte referência “(...) o Corpo de Ciclistas do Exército é um ramo diferente de forças móveis do Exército (...)”³¹. Como no âmbito da Grande Guerra nunca surge um Corpo de Ciclistas do Exército, colocamos a hipótese deste Corpo de Ciclistas se ter constituído em Portugal. No entanto, pesquisámos as Ordens de Serviço do exército de 1898 a 1920, e não encontrámos nenhuma referência a um Corpo de Ciclistas do Exército, nem à criação de um regulamento de manobra dos ciclistas. Assim sendo, ficou confirmado que o regulamento era um rascunho.

Ao longo do regulamento encontramos a descrição das unidades de medida em pés e em polegadas, que são unidades de medida utilizadas pelos ingleses. Em comparação com o Regulamento para instrução de infantaria ciclista de 1911³², em que a unidade de medida utiliza é o metro, o Regulamento de manobra dos ciclistas é um possível rascunho de uma tradução de um regulamento inglês durante a Grande Guerra.

Desta forma, supomos que o Regulamento de manobra dos ciclistas, foi um rascunho de uma tradução de um regulamento inglês, elaborado pelo Capitão de Infantaria Hermínio Rebelo, fruto do deslocamento efetuado ao XI Corpo de cavalaria Britânico, de 14 a 19 de Novembro de 1917, pois a finalidade desse deslocamento foi para tomar conhecimento do emprego tático dos ciclistas, métodos e instrução. Assim sendo apoiar-nos-emos neste regulamento para caracterizar o emprego das unidades de ciclistas.

Do emprego dos ciclistas na Grande Guerra, salientamos os seguintes: guarda à prisão; serviço na Estação de Aire; escoltas; guardas de honra ao tribunal de Guerra;

³¹ Ver Arquivo Histórico Militar 1 Divisão/35 Secção/ Caixa 511/ N°4.

³² Ver Arquivo Histórico Militar 3 Divisão/ 5 Secção/ N°2/ Caixa 5/ Peça 68.

patrulhamentos ao campo de tiro de Westrehem; e serviços de ligação.³³ Segundo o Major Vasco Carvalho (1924, p. 51) o GCC foi empregue em serviços de ligação e de polícia.

Quanto ao serviço de polícia, consistia em controlar os movimentos de militares, materiais e munições, para que não houvesse congestionamentos nos itinerários. (Payne, 2008) A finalidade das suas missões era garantir um fluxo contínuo de reabastecimento e de evacuação, sendo responsáveis por controlar todos os deslocamento da linha da frente para a retaguarda e vice-versa, e garantir que não há obstruções nos itinerários.

Consideramos como serviço de polícia: a guarda à prisão; o serviço na Estação de Aire; as escoltas; as guardas de honra ao tribunal de Guerra; e os patrulhamentos ao campo de tiro de Westrehem. Para a guarda à prisão era necessário 1 sargento, 1 cabo e 12 praças, ou seja, o efetivo equivalente a uma secção de ciclistas, que tinham como missão garantir a segurança da prisão. Para o serviço da Estação de Aire o efetivo necessário era 1 sargento, 2 cabos e 18 praças, compondo desta forma, 3 esquadras de ciclistas, que garantiam, supomos nós o fluxo de movimentos na Estação de comboios de Aire. Estes dois serviços foram diários até 5 de Janeiro de 1918.³⁴

Os ciclistas foram empregues nos serviços de guarda de honra ao tribunal de guerra, nos quais o seu efetivo era de 1 sargento, 1 cabo e 12 praças, ou seja, uma secção de ciclistas. Os patrulhamentos ao campo de tiro de Westrehem, necessitavam de um efetivo maior, 1 sargento, 5 cabos, 1 clarim e 20 soldados, sendo o equivalente, a um pelotão, que tinha a responsabilidade de garantir o perímetro de segurança do campo de tiro.

Quanto às escoltas, os ciclistas eram empregues para escoltar militares ou forças militares. O efetivo necessário para executar as escoltas variava consoante a força que era necessário escoltar. O GCC executou uma escolta a 1 militar, ao tribunal militar, com um efetivo de 1 cabo e 2 soldados.³⁵ No entanto temos um caso de uma escolta que foi um dos maiores empenhamentos do GCC, em que 2 pelotões, 1 de cada companhia de ciclistas, escoltaram o insubordinado Batalhão de Infantaria N°7 (Carvalho, 1924, p. 51). Este serviço foi bem desempenhado, sendo assim, o GCC elogiado pelo Quartel-general do CEP: “Pela energia e firmeza que manifestaram na ação por eles exercida,

³³ Ver Arquivo Histórico Militar 1 Divisão/ 35 Secção/ Caixa 1514.

³⁴ Ver Arquivo Histórico Militar 1 Divisão/35 Secção/ Caixa 511/ N°4.

³⁵ Idem.

para reduzir a obediência as praças insubordinadas do extinto Batalhão de Infantaria Nº7³⁶.

Quanto ao serviço de ligação consistia na transmissão via verbal ou escrita de uma correspondência ou informação de uma unidade para outra, por intermédio de um portador de correspondência. Os portadores de correspondência tinham de saber bem mapas, saber a localização das unidades e a quem é que tinham de entregar a correspondência, e quando se aproximassem da unidade onde tinham de entregar a correspondência, ou de um grupo de oficiais em que estivesse o oficial a quem tinham de entregar a correspondência, deviam pronunciar em voz alta e sem quaisquer hesitações a unidade a que se destina a correspondência, para o primeiro caso, ou o posto e nome do oficial a quem destina a correspondência. A unidade mínima para executar este tipo de serviço era a parrelha, pois a confiança era muito desenvolvida pela companhia.³⁷

O único registo em ordem de batalha do GCC, que encontramos, é de 9 de Abril de 1918. Surge em ordem de batalha da 2ª Divisão em 9 de Abril de 1918, com menos um pelotão em cada companhia (Carvalho, 1924, pp. 50-51). Nesta data decorreu o ataque que antecedeu a batalha de La Lys, no setor III em Fauquissart. O GCC desempenhou uma função importante, ao efetuar a ligação do comando do 20º Batalhão de Infantaria com o comando da 4ª Brigada de Infantaria e o 29º Batalhão de Infantaria que se encontrava em apoio, pois a ligação telefónica com estas estava interrompida. (Carvalho, 1924, pp. 281-282) Não há referências relativamente a um efetivo empenhado, mas há referência de um aumento do número de ciclistas no comando do 20º Batalhão de Infantaria, porém podemos dizer que o efetivo não seria maior do que uma secção, pois com uma secção conseguiam criar 6 parrelhas de ciclistas que garantiam a ligação do comando do 20º Batalhão com a 4ª Brigada e o 29º Batalhão, podendo empregar 2 parrelhas para manter a ligação com as unidades, ficando 2 parrelhas preparadas para estabelecer alguma ligação em caso de emergência.

³⁶ Ver Arquivo Histórico Militar 1 Divisão/35 Secção/ Caixa 1395/ Nº6.

³⁷ Ver Arquivo Histórico Militar 1 Divisão/35 Secção/ Caixa 511/ Nº4.

4.4. Conclusões

Relativamente a este capítulo podemos concluir que o emprego das unidades ciclistas era limitado pelos itinerários, ou seja, se a rede de itinerários fosse boa, os ciclistas tiravam proveito dela, caso contrário, o seu deslocamento seria limitado pela falta de itinerários.

As unidades de ciclistas podiam ser empregues de várias formas: junto da infantaria junto da cavalaria, atuar como força independente, em serviço de ligação e ainda como força de polícia. No caso da Grande Guerra o GCC foi empregue em serviços de ligação e de polícia, executando: guarda à prisão, serviço na Estação de Aire, escoltas, guardas de honra ao tribunal de Guerra, patrulhamentos ao campo de tiro de Westrehem e serviços de ligação. Quanto ao serviço de ligação podemos dizer que os ciclistas foram empregues com um efetivo não superior a uma secção num posto de comando de um Batalhão de Infantaria. Com uma secção os ciclistas conseguiam formar 3 parelhas, logo, se assim fosse necessário o comando do 20º Batalhão de Infantaria podia manter a ligação com 3 unidades diferentes, no entanto apenas foi necessário estabelecer a ligação entre o comando do 20º Batalhão e o comando da 4ª Brigada de Infantaria e o 29º Batalhão de Infantaria. Desta forma, podemos dizer que o efetivo mínimo necessário para o serviço de ligação seria um efetivo que conseguisse manter a ligação com o escalão superior e as subunidades necessárias, nunca esquecendo que a parilha seria a unidade mínima para transmitir uma mensagem.

Contudo, pudemos afirmar que o grande emprego do GCC foi nos serviços de polícia, serviços esses que são muito semelhantes aos serviços que hoje em dia, a Polícia do Exército desempenha. Para a execução destes serviços o efetivo a utilizar iria depender da dimensão da zona de terreno em que a unidade teria de efetuar o serviço, excluindo as escoltas nas quais o efetivo iria depender da dimensão da unidade/força que iria ser escoltada. Assim sendo, podemos dizer que nos casos em que havia necessidade de garantir a segurança e controlar os movimentos dos militares, num ponto específico, tal como o caso da Estação de Aire, tribunal de guerra e guarda à prisão, o efetivo necessário para cumprir a missão seriam 2 secções, sendo o sargento responsável pelo comando da força e de uma das secções, a outra secção estava sob o comando do cabo. Nos casos que seria necessário garantir a segurança e controlar os movimentos dentro de uma determinada área, era necessário empregar um efetivo maior, dependendo da dimensão da área, contudo a situação que mais se repetiu foram

os patrulhamentos ao campo de tiro de Westrehem, nos quais o efetivo que se empregava era sempre de um pelotão. Neste caso o comando do pelotão era de um subalterno, podem por vezes ser assumido por um sargento, estando o comando das secções atribuído aos cabos.

Conclusões e Recomendações

Introdução

Entramos agora no culminar de toda a investigação, no capítulo que vamos responder à nossa pergunta central e perguntas derivadas que formulámos no início do trabalho. No final do presente capítulo vamos apresentar algumas limitações do estudo realizado e propor alguns temas que sejam importantes desenvolver nesta temática.

Respostas às perguntas derivadas

Vamos começar pela primeira pergunta derivada: **“Que condições determinaram a conversão do GEsq em GCC?”**

No período que antecede a Grande Guerra, a guerra era feita com recurso ao movimento. Contudo, o movimento vai perdendo cada vez mais a sua força por causa do aumento do poder de fogo que se fazia sentir, fruto das inovações que se davam ao nível do armamento. As armas começam a ser cada vez mais precisas e com maiores alcances; começam a aparecer armas de retrocarga e de repetição, permitindo aumentar a cadência de fogo, e começam a aparecer nas peças de artilharia sistemas de absorção e recuo que lhe aumentam o seu poder de fogo. Estas inovações tornam a aproximação das unidades cada vez mais difícil, levando a que as unidades optem por uma posição defensiva a atacar uma força inimiga.

As unidades de cavalaria eram unidades que socorriam-se da sua mobilidade para atuar no campo de batalha, no entanto a tendência era para o poder de fogo prevalecer sobre o movimento, tal como acontece na Grande Guerra. Quando a Alemanha tenta por em prática o Plano Schlieffen, iniciam-se as manobras para evitar os envolvimentos estratégicos dos exércitos, levam a uma extensão da frente, e a um acontecimento por nós conhecido como “corrida-ao-mar”. Desta forma, o movimento é quebrado e inicia-se a guerra de trincheiras.

As unidades de cavalaria deixam de ser empregues pois era impossível atravessar o poder de fogo de uma frente de trincheiras com o poder de choque. No caso GESq do CEP, com a sua chegada à Frente Ocidental, passou a executar serviços de polícia e de ligação. Ora, relativamente a estes serviços, estes podiam ser executados por tropas montadas em bicicletas, e assim sendo, o CEP colmatava as dificuldades criadas pelos cavalos ao nível de custos da sua alimentação e manutenção; e dava oportunidade para manter a agricultura ativa colocando os cavalos a trabalhar como meio de tração, visto que na linha da frente podiam ser facilmente mortos, e criar um cavalo demorava o seu tempo.

Desta forma as condições que determinam a conversão do GESq em GCC, são uma consequência do tipo de guerra que decorria, pois o cavalo não podia ser empregue em combate, e as missões que o GESq executava eram semelhantes às que o GCC viria a ser empregue. Assim, pelos seguintes motivos: por as bicicletas conseguirem desempenhar as mesmas missões, pela redução dos custos de alimentação e de manutenção, e pela necessidade do cavalo na agricultura como animal de tração. O GESq é extinto, passando a ser um GCC.

Quanto à segunda Pergunta derivada: **“Como ficou organizado o GCC ao nível da sua estrutura orgânica, pessoal e equipamento?”**

Ao nível da estrutura do GCC este passou a ser composto por: Estado Maior e menor, 1 Secção de Sinaleiros e 2 Companhias de Ciclistas, sendo estas compostas por: Comando, 2 secções de metralhadoras e no máximo 3 pelotões de ciclistas, a 4 secções cada. A função principal das secções de metralhadoras ligeiras, era apoiar as companhias quando estas estivessem empenhadas em combate, quer fosse a defender ou a atacar. Dizemos que no máximo as companhias podiam constituir 3 pelotões de ciclistas, contudo nem sempre tiveram essa oportunidade, pois o efetivo não era fixo tendo algumas variações de Novembro de 1917 a Maio de 1919.

Relativamente ao efetivo, nos gráficos que apresentamos verificamos que na 1ª Companhia existia um efetivo superior ao da 2ª Companhia, pois os militares que pertenciam ao Estado Maior e menor e à secção de sinaleiros estavam contabilizados na 1ª Companhia de Ciclistas. Um aspeto importante para salientar é que o efetivo do GCC tem sargentos e praças de cavalaria e infantaria. O Capitão de Infantaria Hermínio Rebelo ficou com o comando da unidade, e os restantes oficiais eram todos da arma de infantaria.

Quanto ao equipamento todo o material que estava à carga do GESq passou a estar à carga do GCC. As principais alterações são as bicicletas e a troca de metralhadoras médias Hotchkiss por metralhadoras ligeiras Lewis. A 23 de Março de 1918, o GCC estava equipado com bicicletas, e em 31 de Dezembro de 1917 são recebidas as 4 metralhadoras ligeiras Lewis, para equipar as secções de metralhadoras ligeiras. Ainda relacionada com o equipamento, são recebidas novas peças de fardamento a 29 de Dezembro de 1917, tais como: botas baixas, palmilhas, luvas de lã, camisolas de lã, barretes de marcha e barretes de bivaque.

Desta forma o GCC passou a ter uma secção de sinaleiros, mais uma secção de metralhadoras em cada companhia e menos um pelotão em cada companhia. Ao nível dos efetivos ficou com um efetivo mais reduzido que o GESq e composto por militares de cavalaria e de infantaria. Quando ao equipamento, receberam bicicletas do comando britânico para equipar o GCC, assim como metralhadoras ligeiras Lewis e novas peças de fardamento.

Quanto à terceira Pergunta derivada: “ **Quais as missões atribuídas às unidades de ciclistas no seio do CEP?**”

Às unidades de ciclistas do CEP foram atribuídos dois tipos de missões: serviço de polícia e serviço de ligação. Consideramos como sendo missões de serviço de polícia: a guarda à prisão; o serviço na Estação de Aire; as guardas de honra ao tribunal de Guerra; os patrulhamentos ao campo de tiro de Westrehem; e as escoltas. Relativamente a estas missões, consistiam no controlo dos movimentos de militares, materiais e munições, para que não existissem congestionamentos nos itinerários e que fosse mantida a segurança de determinados pontos específicos. A finalidade das suas missões era garantir um fluxo contínuo de reabastecimento e de evacuação, sendo responsáveis por controlar todos os deslocamento da linha da frente para a retaguarda e vice-versa, e garantir que não há obstruções nos itinerários. O serviço de polícia era como algumas missões que uma unidade de Polícia do Exército desempenha.

Quanto ao serviço de ligação, consistia na transmissão verbal ou escrita de uma correspondência ou informação de uma unidade para outra, por intermédio de um portador de correspondência, e a unidade mínima para executar este tipo de serviço era a parrelha, pois a confiança era muito desenvolvida pela companhia de outro camarada. Um exemplo deste tipo de serviço desempenhado pelo GCC foi a 9 de Abril de 1918, quando apoiou o 20º Batalhão de Infantaria na transmissão de mensagens ao 29º Batalhão de Infantaria e ao seu escalão superior 4ª Brigada de Infantaria.

As missões realizados pelo GCC no seio do CEP resumem-se a estas duas que acabamos de referir.

Quanto à quarta Pergunta derivada: **“Com base nas operações realizadas e da experiência vivida pelas subunidades de ciclistas, quais foram as formas de organização para o combate e as tarefas mais frequentes das companhias e pelotões de ciclistas?”**

Sendo uma unidade do CEP, integrada nas designadas tropas do Corpo de Exército, a lógica da orgânica do GCC foi dispor de duas Companhias de Ciclistas, para garantir uma Companhia em apoio de cada uma das duas Divisões do CEP. Contudo, em resultado da própria realidade do CEP (que manteve basicamente apenas uma Divisão em operações) a unidade de ciclistas realizou os serviços de polícia e de ligação ao nível de uma Divisão satisfazendo outras missões próprias do CEP, articulando-se conforme as necessidades próprias destes serviços. Assim sendo, podemos dizer que num ponto específico, no qual fosse necessário garantir a segurança e controlo dos movimentos, tal como o caso da Estação de Aire, tribunal de guerra e a guarda à prisão, era empregue um efetivo de 2 secções, que estavam sob o comando de um sargento, assim com uma das secções, e a outra sob o comando de um cabo. Quando fosse necessário garantir a segurança e controlar os movimentos dentro de uma determinada área, era necessário empregar um efetivo maior, dependendo da dimensão da área, contudo a situação que mais se repetiu com o GCC foram os patrulhamentos ao campo de tiro de Westrehem, em que o efetivo que se empregava era sempre de um pelotão, que estava sob o comando de um subalterno podendo estar também sob o comando de um sargento, estando as secções sob o comando de um cabo. No caso das escoltas, o efetivo das forças de escolta, dependeria da força a escoltar.

Quanto às missões de ligação o efetivo mínimo necessário para o serviço de ligação iria depender do número de ligações que seriam necessárias efetuar. Para manter uma ligação era necessário um efetivo mínimo de 2 militares, ou seja, uma parilha, seria o efetivo para que se conseguisse manter uma ligação. Desta forma, com uma secção de ciclistas conseguíamos garantir a ligação com 3 unidades.

Assim sendo, para executar uma missão de serviço de polícia num ponto específico, o GCC organizava 2 secções, em que um sargento seria comandante de secção e da força, um cabo para comandar a outra secção e 12 praças, 6 para cada secção. Para uma missão de serviço de polícia numa determinada área, o GCC organizava uma força com um efetivo de um pelotão, podendo este ser comandado por

um subalterno ou por sargento, tendo como comandantes de secção cabos, e um total de 20 praças, 5 por secção. No caso de ser uma missão de escolta, o GCC definia o efetivo dependendo da força/militares que seriam para escoltar. No caso de uma missão de ligação, o GCC tinha de organizar o efetivo tendo em conta as ligações que podiam ser necessárias efetuar, tendo em conta que cada ligação era mantida por uma parilha.

Resposta à Pergunta de Partida

Tomando como base toda a investigação realizada, desde o primeiro ao último capítulo é possível concluir este trabalho com uma resposta à Pergunta de partida: **“Como se processou a organização do GCC do CEP e qual era a sua orgânica e a tipologia das missões que realizou entre Novembro de 1917 e o final da guerra em Novembro de 1918?”**

Com a quebra do movimento, motivada pelo aumento de poder de fogo no campo de batalha, e com a formação de extensas linhas de trincheiras, o cenário de guerra apresentado pela Grande Guerra não permitia o emprego de unidades de cavalaria na frente da guerra, pois era impossível o choque da cavalaria vencer o poder de fogo inimigo. Desta forma, quando chega à Frente Ocidental o GESq do CEP encontra o seu emprego tático na retaguarda das trincheiras, desempenhando serviços de ligação e de polícia.

Contudo, os cavalos careciam de custos e cuidados aos níveis da manutenção e da alimentação, e são importantes para a agricultura. Porém os serviços de polícia e ligação podiam ser executados a cavalo ou de bicicleta, e como as bicicletas não carecem dos mesmos problemas que o cavalo levantou, o GESq converte-se em GCC.

Fruto desta conversão a estrutura vai passar a ser composta ao nível do GCC, por um Estado Maior e menor e por duas unidades de escalão companhia, tal como o GESq, no entanto, passa a ter uma secção de sinaleiros. Ao nível das unidades de escalão companhia, as subunidades do GCC perdem um pelotão passando a ser compostas por 3 pelotões, no entanto, passam a ser compostas por mais 1 secção de metralhadoras ligeiras, passando assim a 2 secções de metralhadoras ligeiras. Relativamente aos efetivos, muitos dos militares do extinto GESq foram-se dissociando pelo CEP, ficando o GCC com um efetivo mais reduzido, que se foi alterando constantemente de Novembro de 1917 a Maio de 1919, composto por sargentos e praças de cavalaria e infantaria. Ao

nível do equipamento, todo o material que estava à carga do GESq, passou a estar à carga do GCC, no entanto, esta unidade necessitou de receber mais material para se constituir como GCC, nomeadamente de bicicletas e metralhadoras ligeiras Lewis, que foram entregues ao GCC pelo Depósito de Material de Guerra Britânico.

O GCC foi desempenhando missões de serviço de polícia e de ligação. No âmbito do serviço de polícia missões como: a guarda à prisão, patrulhamento de campos de tiro e escoltas. Sendo a guarda à prisão um serviço de polícia num ponto específico, no qual o efetivo a ser empregue seria de duas secções, comandadas por 1 sargento, que comandava uma secção simultaneamente, outra comandada por 1 cabo, cada secção a 6 soldados. No caso do patrulhamento de campos de tiro, é um serviço de polícia, numa determinada área, em que o efetivo empregue teria de ser de pelotão, comandado por 1 subalterno ou por 1 sargento, com cabos a comandantes de secção, sendo cada secção composta por 5 soldados. No caso das escoltas o efetivo a ser empregue era determinado pelo número de militares que eram necessário escoltar. Quanto ao serviço de ligação o efetivo mínimo necessário para o serviço de ligação, iria depender do número de ligações que seriam necessárias efetuar, sendo que para manter cada ligação eram necessários dois soldados no mínimo.

Até Novembro de 1918, no final da Guerra, o GCC não sofreu mais alterações, sendo a sua extração para Portugal em Maio de 1919.

Limitações da Investigação

Desde o início da elaboração do trabalho identificamos como limitação relevante, a dificuldade de encontrar fontes relativamente a este tema, sobre o qual não existem muitas fontes e trabalhos publicados relacionados com o Grupo de Companhias de Ciclistas do CEP.

Propostas para investigações futuras

No seguimento da temática que desenvolvemos, sugeríamos que fosse desenvolvido um tema relativamente à evolução histórica das unidades de infantaria montada, começando pelas unidades de ciclistas até às unidades da atualidade.

Fontes e Bibliografia

Fontes de Arquivo:

Arquivo Histórico Militar – 1 Divisão/ 35 Secção/ Caixa 1514
Arquivo Histórico Militar – 1 Divisão/ 35 Secção/ Caixa 511/ N°4
Arquivo Histórico Militar – 1 Divisão/35 Secção/ Caixa 88/ N° 4
Arquivo Histórico Militar – 1 Divisão/35 Secção/ Caixa 88/ N° 10
Arquivo Histórico Militar – 1 Divisão/35 Secção/ Caixa 785/ N° 10
Arquivo Histórico Militar – 1 Divisão/35 Secção/ Caixa 785/ N° 09
Arquivo Histórico Militar – 1 Divisão/35 Secção/ Caixa 1788/ N° 07
Arquivo Histórico Militar – 1 Divisão/35 Secção/ Caixa 1395/ N° 06
Arquivo Histórico Militar – 3 Divisão/5 Secção/ N°2/ Caixa 5/ Peça 68

National Archives, Public Record Office (NA-PRO), Londres :
-WO 158-117

Fontes editadas:

Ascensão, Rodrigues (1928). *Monografia Militar sobre os serviços do GEsq da cavalaria n°2 na Grande Guerra*. Porto. Imprensa Nacional

Carvalho, Major Vasco de (1924). *A 2ª Divisão Portuguesa na Batalha do Lys*. Lisboa. Lusitânia Editora

Chaves, F. (1903) Cavalaria no campo de batalha. *Revista Militar 1903*. pp. 673-681; 708-716; 742-746.

Chaves, F. (1904) Cavalaria no campo de batalha. *Revista Militar 1904*. pp. 20-24; 46-51; 80-87; 109-115; 142-145; 182-186

Dorondo, David R. (2012). *Riders of the apocalypse, German Cavalry and modern warfare, 1870-1945*. Library of Congress

Fraga, Luís Alves de (2010). *Reorganização militar de 1911*. In Aniceto Afonso & Carlos de Matos Gomes (Coord.). *Portugal e a Grande Guerra* (pp.27-29). Lisboa: QuidNovi.

Gomes, Nuno Santa Clara (2010). *Transportes em tempo de guerra*. In Aniceto Afonso & Carlos de Matos Gomes (Coord.). *Portugal e a Grande Guerra* (pp.153-155). Lisboa: QuidNovi.

Gudmundsson, Bruce (2005). *The British Expeditionary Force 1914-15*. Oxford. Osprey

Il Harco, A. (1908) A cavalaria na guerra moderna. *Revista Militar 1908*. pp.744-751

Machado, N. (1907) Unidades de infantaria cyclista. *Revista Militar 1907* pp.203-206

Martelo, David (2010). *Estabilização da frente ocidental*. In Aniceto Afonso & Carlos de Matos Gomes (Coord.). *Portugal e a Grande Guerra* (pp.112-117). Lisboa: QuidNovi.

Martelo, David (2010a). *Os Belgas resistem*. In Aniceto Afonso & Carlos de Matos Gomes (Coord.). *Portugal e a Grande Guerra* (pp.69-70). Lisboa: QuidNovi.

Martins, General Ferreira (1945) *História do Exército Português*. Lisboa. Editorial Inquérito

Phillips, Gervase (2011). ‘Who shall say that the days of cavalry are over?’ The revival of the mounted arm in Europe, 1853-1914. *War in History 18(1)* 5-32

Pinheiro, C. (1991). *Portugal na Grande Guerra – Campanhas coloniais – Guerra do mar*. Estado Maior do Exército.

Payne, D. (2008). *The British Military Policeman on the Western Front*.

Retirado: Julho, 14, 2014 de <http://www.westernfrontassociation.com/great-war-on-land/113-general-interest/806-police-western-front.html>

Pires, N. (2014). *Portugal na Grande Guerra 1914-1918*.

Retirado: 22 Abril, 22, 2014 de <http://www.portugalgrandeguerra.defesa.pt/Documents/PORTUGAL%20NA%20GRANDE%20GUERRA%20DE%201914-1918%20-%20ANGOLA.pdf>

Sarmiento, M. (2008). *Guia Prático sobre Metodologia Científica para Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestado e Trabalho de Investigação Aplicada*. (2ª ed.). Lisboa: Universidade Lusíada Editora.

Anexos

Anexo A
Ciclista do Corpo Expedicionário Português

Retirado da Coleção particular de A. Santos



Anexo B
Ciclistas do Corpo Expedicionário Português

Retirado da Coleção particular de A. Santos

